



# Relevo

Abril de 2025 / n. 8 a. 15 / ISSN 2525-2704 / Periódico literário independente feito em Curitiba-PR desde set/2010

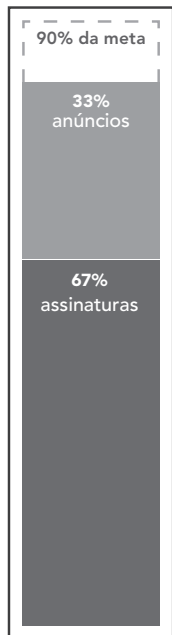




## DOS CUSTOS DA VIDA

### RECEITA BRUTA

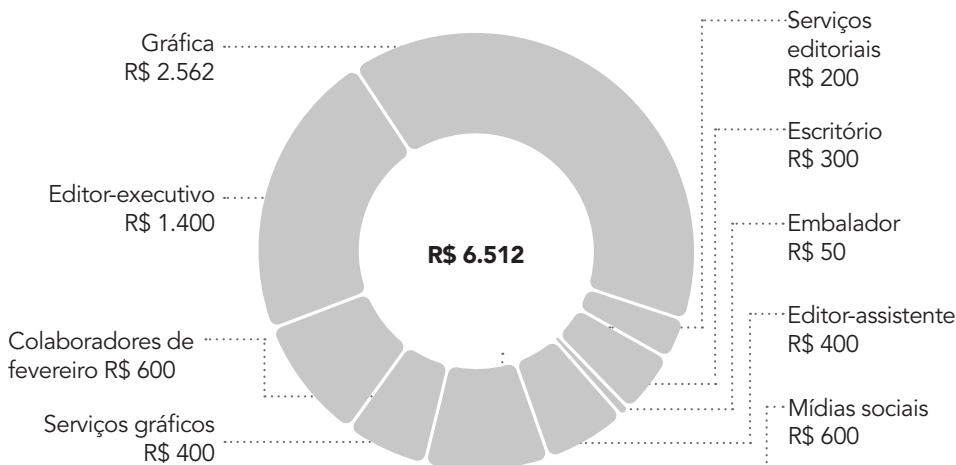
**ASSINANTES ▶ R\$ 70** Mirna Schuler; Bruno Carrilho; Ismael Alencar; Diego Vargas; Yvonne Andrea Miller; Rafael Vieira da Cal; Lívio do Sertão; Ana Campolina; Marcela Güther; Diego Silveira Sousa; Jan Alyne Barbosa e Silva; Basílio Baran; Yuri Rogeski; Emerson Castro; Claudio José Dutra; Anderson Nogueira; Cezar Tridapalli; Quinho Castro; José Amaral Neto; Paula Giannini; Rique Ferrari; Arnaldo Neto; Mariela Mei; Gabriela Ramos; Max Leite; Ades Nascimento; Damaris Pedro; Adriano Monte Alegre; Camila Sirtol Parreira; Carlyle Popp; Renata de Castro; Camila Arantes Rodstein; Ana Luiza Gotlieb; Eliza Espinoza; Luiz Henrique Kultzak; Carlos Alberto Bellini; Jéfte Amorim; René Henrique Götz Licht; Thais Marcondes; Eclê Gomes; Luiz Sassi; Mayk Oliveira; **R\$ 80** Rosana da Silva Cuba; Eduardo Pereira de Souza; **R\$ 100** Rômulo Cardoso; Adriana Vieira Lomar; Bruno Meirinho; Sandra Stroparo; Raul Paiva; **R\$ 105** Isadora Gaioski; Luiz Witiuk; Paula Zarth; Fiori Ferrari; **R\$ 140** Marina de Souza Domingues; Lucas de Oliveira Leite; Renan Machado; Marina Pilato; Maria Dadalt; **R\$ 150** Kátia Nascimento; **R\$ 210** Gissele Chapanski; **R\$ 220** Thomaz Ramalho; **R\$ 280** Marcos Monteiro; **R\$ 300** Gyroo S.A.



**R\$ 5.980 TOTAL**

**ANUNCIANTES ▶ R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Gabriel Facchini; **R\$ 150** Vitor Cei; **R\$ 300** Marlon Reis & Estorilio; **R\$ 840** Burocrata; **R\$ 500** Dandara Ronconi; **R\$ 1000** Daniel Caliman **R\$ 500. TOTAL**

### CUSTOS FIXOS



### DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200  
Correios: R\$ 3.400

### DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

### AGORA, O MOMENTO QUE TODOS AGUARDAVAM

Entradas totais: **R\$ 8.940**

Saídas totais: **R\$ 9.402**

Resultado operacional: **-R\$ 462**



## EXPEDIEN

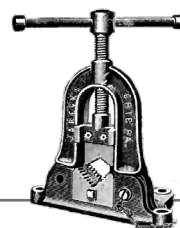


# Abril 2025

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Rafael Maieiro  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: Bolívar Escobar  
Advogado: Rafael Estorilio  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 4.500

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Rafael Estorilio  
Celso Martini  
Rômulo Cardoso  
Felipe Harmata  
Amanda Vital  
Whisner Fraga  
Fernanda Dante  
Nuno Rau



Edição finalizada em 28 de março de 2025.

### ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

### PUBLICIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publicue](http://jornalrelevo.com/publicue).

### NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

### DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de **Oli Maia**. Você pode conferir mais do trabalho dele em [olimaia.net](http://olimaia.net).





## CARTAS

### SANGUE BOM

**René Licht** • Olá, Jornal! Acho que vocês gostarão de saber do motivo que me levou a assinar o **RelevO**. Não foi pelo formato, nem tampouco pelo conteúdo. Foi pela transfusão. Como se fosse a de sangue mesmo. Aquela transfusão que nos vem à mente. Uma bolsa de sangue novo e necessário. Sangue bom. Pensei comigo, esse não só domina a obscura arte de expressar-se, como o faz com verve. E ainda achava um jornalista que sabe escrever sem atropelar a gramática. É isso. Assinei porque ler o que vocês escrevem, independentemente do conteúdo, é como um novo sopro de vida. Deixo meus parabéns ao talento de vocês. Abraço!

**Armando Peres** • Fala, **RelevosO!** O fato do contato ser através de e-mail me insta a respondê-lo de forma desacelerada. O negócio é que desacelerar está cada vez mais raro. Com certeza vamos renovar a rodada literária, só terei que aguardar a nova rodada das finanças aqui. O fato do contato ser através de e-mail me faz querer escrever algo além de uma mensagem confirmado/negando e ponto. É, percebo isso enquanto escrevo, um momento aguardado, como um rito mesmo. Fiquei surpreso ao ver que o retorno da minha última renovação foi publicado, senti a reciprocidade no carinho. É bem por essa linha da afetividade, que, enquanto fizer sentir, retorno os e-mails com algo além de uma mensagem. Forte Abraço!

**Vitor Cei** • Saudações, **RelevO**. Acredito que sou assinante do jornal, mas meu nome não aparece na lista de assinantes pagantes — embora eu receba meu exemplar todo mês. Será que estou contribuindo para o déficit financeiro? Não quero ser responsável pela falência do único jornal literário bem-humorado do país. Abraços!

**Fernanda Ramires de Carvalho** • Saudações, **RelevO!** Segue um cartão de aniversário (escrito à mão) achado numa rua em Curitiba, no acaso do destinatário ser leitor do impresso. O remetente é uma ONG de proteção e conservação de primatas, importante dizer. Boa leitura: “Querido padrinho Robert. Você compõe a rede de pessoas que faz com que o Projeto Mucky continue existindo, cuidando de preciosos seres. Graças a sua sensibilidade e determinação, mais de mil macacos foram ajudados, cuidados e amados em nossa Instituição. Sendo quem você é, você nos ajuda a ser quem somos. Comemorar a sua vida é também comemorar a vida da macacadinha, gratidão. Feliz aniversário! [coração] Com carinho, equipe Mucky e macacada! 2025”

**Lívio Pereira** • Bom dia a toda equipe **RelevO**. Antes de qualquer coisa, quero de verdade desejar uma vida longa e próspera ao projeto de vocês. O Brasil e o mundo precisam disso demais, que possamos cada vez mais ver projetos como esses no mundo. Descobri a pouco o Jornal, ou talvez eu tenha redescoberto nesse aglomerado de informações que pouco dizem nas tais redes sociais. Fiquei abobalhado, mas muito feliz de saber que existem pessoas se dispondo a lançar ao mundo belezas raras como um jornal literário. Unindo duas coisas que me apeteçam e ainda dialogando com meu fetiche pelo analógico. Obrigado a toda equipe que faz o Jornal acontecer. Li a primeira de duas edições que chegaram pelo correio não faz muitos dias e posso falar: o trabalho é primoroso e vem, de fato, com alguns textos bem interessantes. Em tempo, para quem escreve, é muito valoroso, pois a leitura é um mecanismo essencial pra seguir escrevendo.

**Rodrigo P. da Silva** • Boa noite, Jornal. Assim, este clássico tablóide literário, com suas páginas repletas de palavras que dançam ao sabor dos bons ventos literários, e repleto ilustrações que parecem ganhar vida, foi mais do que uma efêmera leitura — foi uma experiência fantástica. Cada edição era um convite para mergulhar em histórias, descobrir novos autores e se encantar com a beleza das artes que acompanhavam os textos. As ilustrações, sempre incríveis, transformavam cada página em um universo próprio, onde a criatividade e a sensibilidade se encontravam. Portanto, foi um prazer folheá-lo e me perder em suas linhas, mesmo que por alguns instantes. Infelizmente, chega o momento de me despedir e cancelar minha assinatura. Mas levo comigo a gratidão por ter feito parte dessa jornada literária tão especial. Que o jornal continue a inspirar leitores e a encantar olhares, mantendo viva a magia das palavras e das artes. Um até breve, pois acompanhei a distância este novo ciclo, sucesso caríssimos!

**João Batista (JB)** • Jornal, eu apoiei o seu trabalho porque em 2025 quero fazer coisas boas.

**Henrique Urtado** • Aos bancos e solavancos vou levando a vida tentando não ficar de canto, mas de manhã é inevitável pulo e canto, sorrio e danço. Gosto de juntar e ler todas de uma vez, as notas deixadas pelos internautas aos cantos das páginas iniciais, acho uma eloquência notável. Algum dia colocarei minhas palavras aqui para aqueles que tiverem um singelo momento e ler... adiante que podem ser promessas de amor.

**Rodrigo Silva do Ó** • Jornal literário muito bom e guerreiro, resistindo aí impresso.

**Giovanna Zioldo** • Busco incentivar e consumir produções independentes sempre que posso.

**Gabriel Moraes** • Olá, equipe do Jornal. Acompanho o trabalho de vocês e admiro a forma como dão espaço para a literatura independente e novas vozes na escrita. Desde já, agradeço pela atenção e pelo trabalho essencial que realizam na valorização da literatura.

QUE ISSO?

**Pedro Anselmo Carvalho Neto** • Bom dia, Jornal. Recebi os exemplares. Muito massa! Vi texto do Vitor Miranda; gosto, acompanho no Instagram. Eu era assinante do *Rascunho*. Vou ficar só com o **RelevO** agora.

**Eliza Espinoza** • Bom dia, tudo bem? Que trabalho bacana vocês fazem. Conheci ontem numa cafeteria no Centro de Curitiba, espero com ansiedade a próxima edição. Maravilha, muito obrigada! Aliás, já divulguei a palavra do Jornal aos meus amigos e vizinhos, eles adoraram. Estarei esperando os exemplares, um bom trabalho e bom descanso pra vocês.

**Gsé Silva** • Lindo demais galera, mesmo mesmo, chegou a me emocionar. Obrigado pelo que vocês fazem, meu máximo respeito e admiração. Vida longa. Abraço forte!

**Dalia Hewia** • Olá, bom dia! Li um email de vocês com atenção e sim, pretendo assinar o jornal porque gosto justamente do diferente, do que não cabe no “totalmente certinho e padronizado”, só que especialmente neste momento estou numa situação financeira bem difícil, nada que eu não consiga resolver em uns dois meses. Aliás, quando li a proposta do envio para material foi isso que me chamou a atenção, a linguagem também, sendo eu uma autora íntima com as minhas palavras e gostando de jogar com elas e com as das pessoas que me emprestam as suas, quando me contam histórias que transformo em contos ou poemas, algumas vezes. Escrevi e enviei material para vocês e ainda não tive resposta, sei que vocês atrasam, mas espero que não deixem de vir até aqui, gostaria de receber um sim ou um não, porque, com certeza, uma dessas duas palavras me pertencem. Agradeço, seja lá qual for. Caso meu material tenha se extraviado pelo caminho (palavras às vezes se desviam e se perdem, eu sei), não se preocupem, nem fiquem nervosos. Não precisam nem mesmo procurá-las, estou enviando as cópias, afinal uma mãe sempre quer saber se seus filhos causaram ou não uma boa impressão. Filhos educados como

essas minhas palavras, mesmo que pareçam conservadores, levam consigo pitadas de rebeldia. Obrigada!

**Zeh Gustavo** • Vocês superestimam demais o fracasso! Ainda bem que já passei dessa pra pior!

**Livraria Novo Jardim** • Neste domingo, na compra de um livro você ganha um exemplar do jornal de literatura **RelevO**, um periódico mensal, independente, lá de Curitiba, que realiza um trabalho incansável em torno das artes literárias que a gente ama. Aproveite, visite-nos e garanta o seu!

**Sandra Vissotto** • Coisa MARLINDAA por dentro por fora nas letras nos traços nutudu: meu jornal predileto.

**Heu Lena** • Cês juram que um vivente teve a pachorra de escrever aquele negócio do “... seu comitê de leitura... não ser capaz de entender a tal ... poesia de renome mundial”? Cara, me motivou imensamente a tentar economizar setentinha mês que vem e fazer de novo a assinatura! Quê que é aquilo?

**Coletivo Ame O Poema** • AS PESSOAS QUE SOFRERÃO UM DIA ACIDENTE DE BICICLETA RECOMENDAM ESSE JORNAL. RECOMENDAM DEMAIS!

**Alessandro Atanes** • Eu não acredito que alguém tenha enviado aquela resposta, rrsrrsrs. Essa edição da newsletter me fez lembrar de alguns episódios do podcast Enterrados no Jardim.

**Brenno Costa** • Vocês deveriam ter uma edição apenas dos egos quebrados.

**Luis Felipe Mayorga** • Sugiro atualizar as orientações para o envio de materiais para: “[...]Se você não tem preparo emocional para receber um não — todos nós já recebemos vários —, por favor, nos envie seu trabalho mesmo assim, para que possamos apreciar suas pitorescas manifestações de contrariedade.”

**Rosana Gastaldi Cominal** • As ilustrações de Amanda Guilherme na edição de março são o espetáculo à parte neste século 21 dantesco. A capa está hipnótica! Nem por um segundo, consigo desviar os olhos: eterna volúpia se espalha na gaiola preta. O riso salta pelo canto da boca. As mãos estão ocupadas ao virar as páginas carregadas de tinta e de humor ácido.

**Rubens Borigo** • Ótimo texto na Enclave de março.

**Keyla Grein** • Amei a capa adequadamente gótica, vocês são incríveis!





## EDITORIAL

### Destinos, o Grande Jogo, aqueles que não cabem em editais

Desde sua fundação, em agosto de 2010, o **RelevO** nunca se propôs a ser apenas um jornal de literatura ou, pior, um jornal de pares, com uma galeria de ilustrados recorrentes e um pequeno lote para os candidatos a ilustrados. Nosso propósito sempre foi mais ambicioso, ou melhor, em uma direção menos óbvia: sustentar, com independência e vigor, um espaço em que a linguagem possa confrontar, subverter, emocionar e provocar — sem dar sustentação a CPFs conhecidos, currículos repletos de conquistas ou medalhões dispostos a colocar mais um X na imensa lista de lugares em que foram publicados.

O **RelevO** é um jornal de textos que gosta de *outsiders*, famigerados, inclassificáveis, amaldiçoados pela sina da prateleira de baixo. Gostamos dos indóceis, dos que não pedem licença para escrever. Gostamos dos que não cabem em editais nem em feiras temáticas. Dos obsessivos, dos desajustados, dos desafinados. Publicamos o que não se encaixa — e é justamente esse desalinhamento que nos dá forma. Por fim, ainda tentamos praticar algum humor pelo caminho. Na contramão dos tempos vigentes, nos dedicamos à permanência — ao gesto e ao gosto de editar, imprimir, dobrar e enviar literatura pelo correio, mês após mês, como quem aposta na repetição da palavra impressa e na presença do outro.

Nosso jornal é feito de margens: estéticas, geográficas, afetivas. Somos de Curitiba, mas quem nos conhece mais de perto sabe que não frequentamos nenhuma mesa das bandas que mais tocam na região. Gente que nunca havia publicado em impresso recebe um pagamento (módico, de R\$ 60) e, a bem da verdade, pouco nos interessa de onde seja quem escreveu. Também não nos interessa tanto de onde somos. Somos, afinal, um jornal de textos para leitores e que orgulhosamente não segue tendências — publicamos apenas aquilo que, de alguma forma, nos comoveu.

[Aliás, passamos os últimos três meses (e contando) lendo novos materiais e dando devolutivas aos escritores. De modo geral, é um processo tranquilo, lento e individualizado, embora um & outro acabe nos homenageando assim, de um jeito mais universal:

“Percebo que seu comitê de leitura é assustadoramente limitado. Acho que vocês não entenderam nem meia palavra do significado da minha poesia de renome mundial. Mas cada um tem o direito de decidir como quiser. [...] Muito obrigado, vocês são um bando de transexuais brasileiros idiotas que não entendem nada de arte. Dancem no Carnaval do Rio fantasiado de bufões e parem de se preocupar com arte. Seus idiotas!”

Apesar desse tipo de retorno, digamos, mais emotivo, trata-se de um processo muito produtivo e que nos coloca diante do novo-novíssimo e do velho-velhíssimo. A partir dele, tentamos entender o que, hoje, leva um escritor ou uma escritora a sair dos escombros de uma página em branco e se mostrar ao mundo, a começar pela aldeia dos impressos.]

E quem lê tudo isso que publicamos há quase 200 edições? Quem nos ajuda a sustentar esse espaço rarefeito, improvável e um tanto fadado às melhores caixinhas de pets? É o leitor, a leitora; o curioso; o inquieto; o generoso; quem nos descobriu em uma panificadora de domingo; quem buscou uma edição em uma biblioteca pública. É o leitor que folheia o jornal no café da manhã ou no ponto de ônibus, que guarda um exemplar debaixo do braço, que marca uma frase com lápis e envia um e-mail depois dizendo “essa aqui me acertou em cheio” ou nos marca nas redes. O **RelevO** é um jornal feito com e para leitores que não querem apenas confirmar o que já sabem, mas topar o risco de serem desorientados por um bom texto. Leitores que sustentam, com suas assinaturas e sua atenção, a possibilidade de um jornal que não lambe vitrines nem serve de escada para o ego de ninguém.

Não temos um “comitê de curadoria” sentado em poltronas suecas, com jalecos conceituais e cenho franzido. Temos um grupo de pessoas cansadas, sim, mas inteiras, lendo tudo com o máximo de atenção possível. E o que torna tudo isso possível, mesmo com orçamento apertado e olheiras persistentes, é saber que há gente do outro lado. Gente que valoriza o texto bem colocado, o humor desgraçado, a imagem improvável. Gente que quer mais do que o óbvio.

E por isso, mais do que nunca, reforçamos: assim como a Receita Federal e a Wikipédia, o **RelevO** precisa de você. Assine, recomende, presenteie, envie àquele amigo estranho que coleciona selos e sublinha contos tristes. A cada assinatura, renovação ou exemplar enviado de presente, testemunhamos um pacto silencioso, porém profundo. Trata-se de um compromisso que vai além do apoio financeiro: é a afirmação de que ainda existe valor na leitura cuidadosa, na surpresa de uma página inesperada, no pensamento que se forma devagar, ao ritmo do papel. Os assinantes são os verdadeiros patronos dessa iniciativa.

Afinal, temos estrelas direcionando nosso destino ou somos meras peças do Grande Jogo? Talvez um pouco dos dois. Talvez sejamos somente um jornal literário de Curitiba, com orçamento apertado, diagramado madrugada adentro e enviado pelo correio com a esperança de que alguém, em algum lugar, vá folhear e nos dar um pouco de tempo. Mas também gostamos de pensar que temos textos nos guiando — um tipo de constelação que se forma quando um conto, uma crônica ou um ensaio encontra seu leitor, quando um envelope cruzando o país vira um sinal improvável de que a linguagem ainda conecta algo.

E se o destino tem mesmo estrelas, quem segura a luneta somos todos nós: leitores, apoiadores, autores, editores, críticos e entusiastas. Cada assinatura é uma pequena revolução contra a pasteurização cultural. Cada apoio é um lembrete de que ainda há espaço para o singular, o excêntrico, o fora de catálogo. O **RelevO** não existe sem você. É um projeto coletivo, imperfeito e orgulhosamente artesanal — mas é também um delírio compartilhado que resiste ao tempo, aos cortes e às certezas.

Por isso, deixamos aqui o convite: apoie o **RelevO**. Se você já é parte disso, renove. Se ainda não é, venha. Junte-se a nós nesse jornal que ousa ser ao mesmo tempo palco e bastidor, confessionário e picadeiro, bússola e tiro no escuro. Porque, no fim das contas, talvez sejamos todos peças do Grande Jogo — mas, juntos, podemos mover a pequena mesa da nossa sala.

Boa leitura a todos. ®

## APOIADORES



**FLESCH'S NOTES**  
*Costurando cadernos • Realizando sonhos*



**MARLON REIS & ESTORILIO**  
ADVOCACIA



**Banca Tatui** [www.bancatatui.com.br](http://www.bancatatui.com.br)  
*Desenho por Ângela León*

São Paulo / SP

**PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE:** um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. *A Marinha do Brasil* é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.



Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...

@escritormayorga



Gabrezin

iocaflocka

**Aulas de Counter-Strike e Zumba**

[dust2zumba@proton.me](mailto:dust2zumba@proton.me)





## Spirogyra é spreadable e/ou ao contrário

*E uns xis minúsculos no coração do jornal*

RAFAEL SEM MAIEIRO

**G**ravando! Não, corta. Pause. Não. Rola pra cima, digo, siga, à esquerda, com sua íris as linhas deste texto. **RelevO** anunciou sua rendição (?) à nova mídia social digital.

Toma-lhe, sem gelo, por favor!

“O **RelevO** é analógico, e o analógico está com tudo. Sobrevivemos à era dos blogs e agora, ironicamente, somos impulsionados pelo TikTok ou o que quer que nossos sobrinhos usam, porque tentar acompanhar é por si só a grande derrota. A questão é... por que parar no papel?”, está dito nos *Anúncios do futuro para soluções do passado*.

O bem-humorado texto quer dizer: *Estamos com tudo nas redes. O impresso fica, mas vamos pra nuvem*. Um dos papos mais interessantes sobre o assunto é com o tal do Henry Jenkins:

“A propagabilidade [*spreadable* foi traduzido por propagável, por isso propagabilidade] está expandindo de forma ativa a diversidade cultural em função de uma gama maior de criadores de mídia ter acesso a públicos em potencial e de um número maior de pessoas ter acesso a trabalhos que, do contrário, poderiam estar disponíveis apenas nas principais áreas urbanas” [Henry Jenkins com Joshua Green e Sam Ford. *Cultura da conexão*. São Paulo: Aleph, 2014. p. 289].

Mas não sei, não. Em 2025, me lembra algo que espera outro algo que já se passou há 20, 30 anos atrás. Ah, *Sonhos de McLuhan no Verão do Fim da História!* Na verdade, este ouvidor que fala demais está cada vez mais convencido de que o dito espaço virtual é um feudo dos *naxis*. Nesse (pouco) sentido, acho que o formato do jornal também deve envolver e ser publicado em rolo (*volumen*). Leitor, desenrola! Talvez faça sucesso editorial. Cada treco estranho por aí... Veja o tal do... Ah, deixa pra lá.

**xis 9**

Falo nada, escrevo do Rio de Janeiro.

**xis 1**

**RelevO** dribla e deixa no chão todos que encaram as letrinhas de alguns textos do jornal. Uma injustiça. Principalmente, na edição de março, com o trabalho de Amanda Fievet Marques.

**xis menos R\$ 594**

Com 95% da meta atingida e ainda no prejuízo. Uma maravilha. Por isso, amo escrever neste jornal. Aprenda, progressismo Itaú. Imaginem se o editor fosse herdeirão...

**xis desenhado**

Amanda Guilherme deu um show em preto e branco. Alô, *scouting* do Botafogo!

**xis no Godot? [cartas]**

**xis sem salada**

Com Fernanda Caleffi Barbeta aprendemos: os cardápios são um gênero literário.

~~A informação instantânea, fornecida pelos meios de massa, deve ser completada pela informação calcada na análise, mais lenta mas presumidamente mais profunda. De qualquer maneira, todos esses meios, na sociedade capitalista, comercializam essa mercadoria especial que é a informação. São meios que vendem informação: quem controla a informação, controla o poder. [General Nelson Werneck Sodré. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. XV].~~



Relançado pela editora Itapuca, o livro de contos **Parafernália**, de Luiz Gustavo de Sá, chega à sua segunda edição. A partir de encontros inesperados e solidões mal resolvidas, os contos de **Parafernália** nos colocam diante de personagens demasiadamente humanos, flagrados em momentos de perplexidade e inquietude, quando o cotidiano parece assumir, repentinamente, outra dimensão. A galeria de tipos apresentados é variada: o homem perseguido por um candidato político; a professora viciada em sapatos; o guia de uma atração turística desinteressante; o corredor de rua entediado; a vendedora dançante. Às vezes divertidas, outras vezes líricas, as histórias que compõem a obra, com frequência, nos convidam a refletir sobre como enxergamos o comportamento do outro, nem sempre coerente para nós à primeira vista.

**Parafernália (2a Edição)**

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 39,90

118 p., Itapuca, 2025

**Poetas e Ficcionistas, venham prosear com a gente**  
 publiqueconosco@editorapangeia.com.br  
 Conheça mais  
 www.editorapangeia.com.br

Nós nos descobrimos / Para que cada Escritor / Tenha um casa / Que possa chamar de Sua



No terceiro volume da série “Notícia da atual literatura brasileira”, a entrevista literária se apresenta como “escrita de si” para o entrevistado e “escuta criativa” para o entrevistador. Vitor Ceil, doutor em Estudos Literários (UFMG) e professor de literatura na UFES, conversa sobre literatura e sociedade com Ana Elisa Ribeiro, André Tessaro Pelinser, Bruno Victor Pacífico, Camila Dalvi, Carlos Alexandre Rocha, Elizabeth Martins, Lara Maria Carvalho, Jerson Junior, Junia Zaidan, Lívia Corbellari, Mailson Furtado, Moisés Nascimento, Regina Azevedo, Sarah Forte, Wagner Silva Gomes e Waldo Motta.

[editoracousa.com.br/produtos/noticia-da-atual-literatura-brasileira-iii/](http://editoracousa.com.br/produtos/noticia-da-atual-literatura-brasileira-iii/)





H. L. Mencken

Tradução de Demian Gonçalves Silva

# Libido para o Feio

Texto presente em *The Libido for the Ugly*,  
de *Prejudices: Sixth Series*, 1927.

Num dia de inverno alguns anos atrás, vindo de Pittsburgh num expresso da Companhia Ferroviária da Pensilvânia, viajei por uma hora em direção leste através das cidades de aço e carvão do condado de Westmoreland. Era um terreno familiar; ainda em criança e depois homem feito, passara por ali inúmeras vezes. De algum modo, porém, nunca havia reparado bem na sua terrível desolação. Lá estava o coração mesmo da América industrial, o centro da sua atividade mais lucrativa e característica, o orgulho e ornamento da mais rica e grandiosa nação jamais vista sobre a face da Terra — e lá estava um cenário tão horrivelmente hediondo, tão intoleravelmente lúgubre e desamparado, que reduzia todas as aspirações humanas a uma piada deprimente e macabra. Ali havia riqueza para além do cômputo, quase para além da imaginação — e ali havia habitações humanas tão abomináveis que dariam vergonha a gatos de rua.

Não falo da mera imundície. Ela é de se esperar em cidades siderúrgicas. Refiro-me à feiura ininterrupta e angustiante, à monstruosidade inteiramente repugnante de todas as casas à vista. De East Liberty a Greensburg, numa distância de 25 milhas, não havia uma única casa, visível do trem, que não insultasse e dilacerasse os olhos. Algumas, dentre as mais pretensiosas — igrejas, lojas, armazéns e similares —, eram tão feias que chegavam a ser francamente aterradoras. Diante delas você pestanejava como diante de um homem baleado na cara. Algumas perduram

na memória, horríveis mesmo lá: uma louca igrejinha a oeste de Jeannette, assentada como água-furtada no flanco de uma colina nua e morfética; o quartel-general dos Veteranos das Guerras Estrangeiras, numa outra cidade desolada; um estádio de aço semelhante a uma enorme ratoeira mais adiante. Do que me recordo acima de tudo, no entanto, é o efeito geral — uma hediondez sem intervalos. Não havia uma única casa decente no meu campo de visão, dos subúrbios de Pittsburgh aos pátios de Greensbury. Não havia uma só que não fosse disforme, que não fosse andrajosa.

A região em si não é desagradável, apesar da fuligem das fábricas intermináveis. É, na sua forma, um estreito vale de rio, com barrancos fundos que sobem pelas colinas. Está densamente ocupada, mas não visivelmente superpovoada. Há ainda muito espaço onde construir, mesmo nas maiores cidades, e são raros os blocos residenciais espessos. É evidente que, se houvesse na região arquitetos com um mínimo de profissionalismo ou dignidade, teriam aperfeiçoado um chalé adaptado às encostas — um chalé com o telhado íngreme para evitar as pesadas neves do inverno, mas, ainda assim, uma construção essencialmente baixa e arraigada, mais larga do que alta. E o que fizeram? Tomaram como modelo um tijolo em pé. Converteram-no numa coisa de ripas esqueléticas, com um telhado estreito e pouco inclinado. Assentaram esse conjunto sobre finas e ridículas pilastras de tijolos. Às centenas e aos milhares, essas casas abomináveis recobrem as encostas nuas, como lápides de um gigantesco e

decadente cemitério; nas partes altas têm três, quatro e mesmo cinco pisos; nas partes baixas, enterram-se porcamente na lama. Menos de um quinto delas é perpendicular. Inclina-se para um e outro lado, precariamente suspensas sobre as próprias bases. E absolutamente todas estão raiadas de fuligem, da qual despontam manchas eczamentosas e desbotadas de tinta.

Aqui e ali há uma casa de tijolo. Mas que tijolo! Quando novo, tem a cor de um ovo frito. Coberto pela pátina das indústrias, tem a cor de um ovo velho para além de qualquer salvação. Era necessário adotar essa cor escandalosa? Não mais necessário do que colocar todas essas casas de pé. O tijolo vermelho, mesmo numa cidade siderúrgica, envelhece com alguma dignidade. Totalmente enegrecido, preserva ainda uma aparência agradável, sobretudo quando tem ornamentos de pedra branca, com fuligem nos recantos e os relevos lavados pela chuva. Em Westmoreland, porém, preferem o amarelo urinário, e por isso têm as cidades e povoados mais repugnantes já contemplados por olhos mortais.

Concedo-lhes essa distinção após laboriosas pesquisas e preces incessantes. Creio já ter visto todas as cidades mais repelentes do mundo; todas se encontram nos Estados Unidos. Vi as cidades fabris da cadavérica Nova Inglaterra e as cidades desérticas de Utah, Arizona e Texas. Estou familiarizado com as ruelas de Newark, Brooklyn e Chicago e realizei explorações científicas em Camden (N.J) e em Newport News (Va). São e salvo num vagão de luxo, rodei pelas vilas sombrias e amaldiçoadas de Iowa e Kansas e pelas aldeias de águas palúdicas da Georgia. Estive em Bridgeport-Conn e em Los Angeles. Mas em nenhuma parte do mundo, aqui ou no estrangeiro, vi algo de comparável aos povoados que acompanham a fer-

rovia da Pensilvânia entre Pittsburgh e Greensbury. São incomparáveis tanto na cor quanto na forma. É como se algum gênio titânico e extravagante, inimigo encarniçado da humanidade, houvesse empregado toda a engenhosidade dos infernos na sua criação. Exibem requintes de feiura que, em retrospectiva, se tornam quase diabólicos. Não se podem imaginar meros seres-humanos concebendo coisas tão medonhas, e mal se podem imaginar meros seres-humanos suportando viver nelas.

Serão elas tão pavorosas porque o vale está cheio de estrangeiros — brutos insensíveis e estúpidos, sem nenhum amor à beleza? Neste caso, por que não erigiram abominações similares nos países de onde vieram? Na verdade, não se encontrará nada de semelhante na Europa, salvo talvez nas partes mais pútridas da Inglaterra. Dificilmente haverá um único vilarejo feio em todo o continente. Os camponeses, por mais pobres, de algum modo logram providenciar para si habitações cativantes e graciosas, mesmo na Espanha. Na cidadezinha ou no povoado americano, porém, a tendência é sempre para o feio, e no vale de Westmoreland ela tem sido seguida com uma ânsia que beira a paixão. É inacreditável que a simples ignorância tenha produzido essas obras-primas do horror.

Em certas camadas americanas, na realidade, parece haver uma indiscutível libido para o feio, como há, em outras camadas menos cristãs, uma libido para o belo. Não é possível explicar o papel de parede que desfigura o lar da nossa baixa classe média por uma simples inadvertência, ou pelo humor obscuro dos fabricantes. Essas sinistras decorações, deve estar claro, propiciam um deleite genuíno a um certo tipo de sensibilidade. Vão ao encontro, de alguma insondável maneira, das suas demandas obscuras e ininteligíveis.

+ de 1.500 títulos publicados desde 2012  
 www.editoralitteralux.com.br

Estamos recebendo originais:  
 originais@editoralitteralux.com.br

12 anos

/c/EditoraLitteraLux f /litteraluxeditora @editoralitteralux litteralux@editoralitteralux.com.br

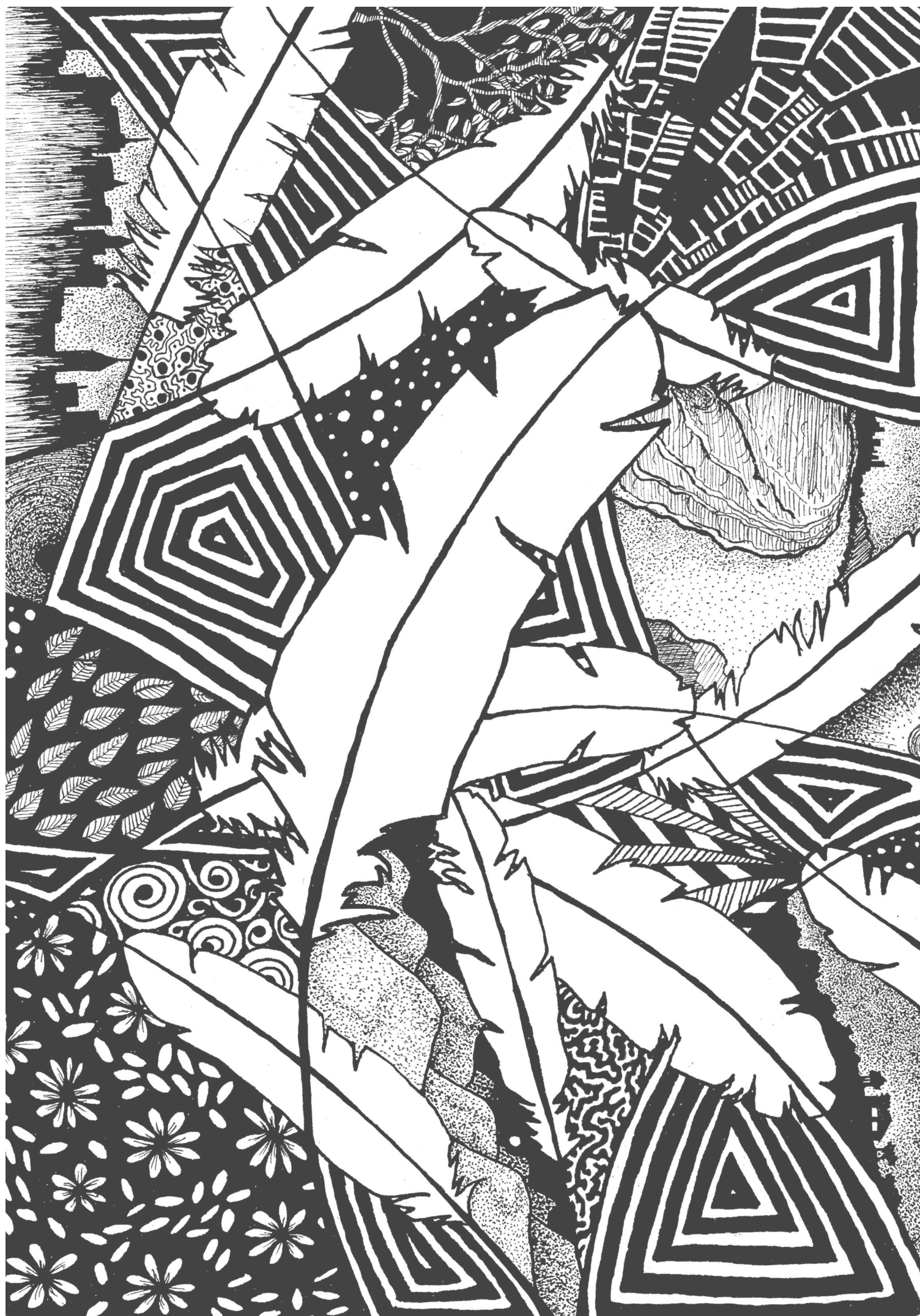




Dão-lhe a mesma satisfação que “As Palmeiras”, a arte cinematográfica ou o jazz. O gosto por essas coisas é tão enigmático, e contudo tão habitual, como o gosto por dogmas teológicos e poemas de Edgar A. Guest.

Por isso eu suspeito (embora admita não ter a certeza) que a vasta maioria das pessoas honestas do Condado de Westmoreland, sobretudo aquelas 100% americanas, de fato, admiram as casas onde vivem e têm orgulho delas. Pelo mesmo valor poderiam adquirir outras imensamente melhores, mas preferem as que já possuem. Certamente não houve nenhuma pressão para que os Veteranos das Guerras Estrangeiras escolhessem o prédio pavoroso onde ostentam o seu estandarte, pois há ao longo da linha férrea muitos outros desocupados, alguns deles consideravelmente melhores. Poderiam, aliás, ter construído eles próprios um prédio melhor. Mas escolheram em plena consciência aquele horror revestido de ripas, e, tendo-o escolhido, deixaram-no madurar até a sua chocante depravação atual. Apreciam-no como é: ao lado dele, o Partenon sem dúvida os ofenderia. Da mesma maneira, os autores do estádio-ratoeira que mencionei mais acima fizeram uma escolha deliberada. Depois de o terem penosamente projetado e construído, tornaram-no perfeito, aos seus próprios olhos, com uma insólita cobertura de um amarelo berrante. O efeito é o mesmo de uma mulher gorda com um olho roxo. É o mesmo efeito de um presbiteriano sorrindo. Mas apreciam-no.

Eis um fenômeno que os psicólogos têm até hoje negligenciado: o amor à feiúra pela feiúra, a ânsia de tornar o mundo insuportável. O seu habitat são os Estados Unidos. Do fundo do *melting pot* emerge uma raça que odeia a beleza como odeia a verdade. A etiologia dessa loucura merece muito mais estudo do que tem recebido. Essa loucura deve ter causas; surge e floresce em obediência a leis biológicas, e não como simples ato divino. Quais são precisamente essas leis? E por que operam na América com maior intensidade do que em qualquer outra parte? Deixemos que algum honesto Privatdozent de sociologia patológica se debruce sobre o problema.







Piera Schnaider

ave, maré, cheia de graça  
a senhora nos convoca  
bendita sois voz  
entre as pernas das mulheres  
o desfiladeiro das espumas  
e bendita é a gruta  
de vossos ventres azuis

santa maré, mãe das rochas  
e lantejoulas caídas de estrelas  
– finos arrepios de areia –  
rogai por nós, pescadoras  
agora  
e na demora das nossas guelras  
sussurra o amor devoto  
em cantilena

★

do nascimento em berço de concha  
veio o talento para ouvir seixos e cotovias  
(e certa tendência ao infinito)  
do vento, o desejo por atravessar espelhos  
alguém pergunta: para quê?  
vê o sol: contumaz em seus raios  
caminha, caminha, caminha  
adepto incansável da utopia

Mariana Ferraz

## polaroides para depois do fim

a evitar o extravio das palavras  
entre apócrifos do novo testamento  
porque os anos oitenta foram áduos  
sobretudo na américa do sul  
mas quando um bandoneon então ressoa e  
fumo outro cigarro sem pensar na morte,  
me resgato da ofensa paternalista,  
dos benzodiazepínicos e da anorexia.

se andrômeda está mesmo por tragar a via láctea  
e pela colisão seremos poeira cósmica, peço que  
acostemo-nos em lustre e culminância,  
desnudemo-nos em rito e destemor,  
e façamos um filho neste agora  
mesmo com a inflação histórica do dólar  
enquanto expurgo culpas que não tive e o  
bairro de villa crespo está prestes a dormir.

## olga

quantas casas foram  
desmembradas para notarmos a  
altura dos montes,  
tantos logradouros habitamos, sempre  
homens, em busca de um rumo que já se  
intuía.

forjamos pactos, andaimes, matrimônios no  
inverno do tempo, dissílabo apaziguador. e,  
no entanto, sempre soubemos  
da idêntica sorte, silvo da noite,  
e da hegemonia de um bisneto  
que um dia haverá de nascer.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

Pare  
tudo!



“Hmmm...  
coisa boa”  
Eu, após beber  
uma água

Beba  
água.

**HIDRATE-SE**

UMA CAMPANHA DO JORNAL RELEVO  
A FAVOR DA HIDRATAÇÃO

**SINETE**  
EDITORA

Valorizando a literatura brasileira contemporânea.

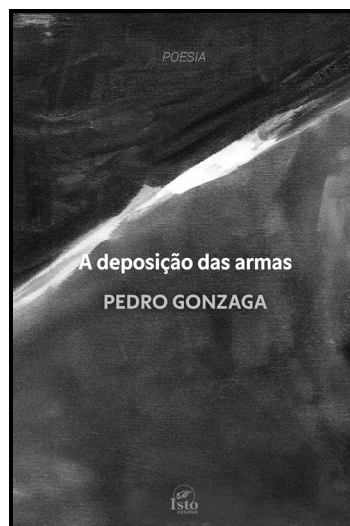
Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.  
[editorasinete.com.br](http://editorasinete.com.br)

**você tem  
um livro de poesia?**

**nós temos  
seus leitores**

envie um email para  
[contato@faziaepoesia.com.br](mailto:contato@faziaepoesia.com.br)  
e inclua sua obra nos canais do portal *Fazia Poesia*





## *A deposição das armas*

*Novo livro de*  
**Pedro Gonzaga**



Depor as armas, aqui, é tentar olhar para o campo de batalha poética em um momento de serenidade, reduzindo a máquina de guerra (técnicas e temas) a um caráter de estudo: os 57 poemas do livro, compostos em dísticos — estrofes de dois versos, há séculos base de criação poética nas mais variadas culturas humanas.



[istoedicoes.com.br](http://istoedicoes.com.br)

Livros disponíveis online na Amazon e no site da editora

*ISTO EDIÇÕES PUBLICOU:*



## *A destruição ou o amor, de Vicente Aleixandre*

Nesta obra o autor atingiu a maturidade total do seu estilo poético, com uma escrita complexa e original marcada pelo surrealismo.

Publicado na Espanha em 1935, é o principal livro da primeira fase do poeta, que é um dos expoentes da chamada Geração de 27 e ganhador do Nobel de Literatura em 1977.

Com tradução de Pedro Gonzaga, em edição bilíngue.







Basílio Baran

# Dia da Mulher!

**D**ia da mulher! Decidi fazer uma brincadeira com a minha namorada comunista, inimiga do pós-modernismo e adoradora de chocolate. Antes de chegar na casa dela, onde reside com sua irmã mais nova, também comunista, mas um tanto pós-moderna, passei no mercado.

Filas enormes! Vasculhei as prateleiras até encontrar uma promoção de quatro barras pelo preço de três, um total de 320g por R\$ 12,97. Me dirigi à fila, sorridente, pensando em como arquitetar a surpresa. Primeiro, eu brincaria sobre o costume estúpido de presentear as mulheres no Dia da Mulher, degeneração burguesa da luta feminina. Ela, que já havia brincado sobre eu trazer um chocolate ou um buquê, concordaria, mas então cairia na risada ao me ver tirar a primeira barra do bolso do casaco. A segunda, eu ofereceria para a gata e pediria pra dona guardar. A terceira eu daria para a irmã, como os homens fazem para agradar as famílias das namoradas. A quarta eu esconderia, bem brega.

Risonho, só voltei à realidade ao perceber que a fila não andava. Eu havia recorrido aos caixas de autoatendimento, mas os consumidores estavam com dificuldades em usá-los e isso fazia com que a funcionária tivesse que socorrê-los um a um. Foi então que notei. Era uma fila enorme só de homens sem cestinhas — provavelmente não sabiam onde ficavam — carregando chocolates. De súbito, me encolhi, pensando que o mercado era muito perto da Universidade e, se alguém me visse, eu seria alvo de chacota por estar participando daquela procissão de palermas que nunca iam ao supermercado sozinhos durante esse mequetrefe circo burguês que dedicava um dia — um dia! — no ano à metade do mundo. Eu, logo eu!

Demorou mais um instante — o pensamento se move em lombadas! — para que eu percebesse que alguns deles tinham o visual típico da Universidade e provavelmente também se blindavam com uma crosta de ironia perante a data. Uma brincadeira, eles pensaram, como eu pensei. E ali estavam eles, comigo, misturados e indistinguíveis (!) dos namorados alienados orgulhosos de cumprirem suas obrigações anuais em troca de uma chupadinha.

A ironia, pensei, é um recurso tipicamente pequeno-burguês para não levar muito a sério a própria impotência perante o mundo e a pateticidade do cotidiano, mas sem qualquer intenção de transformá-lo. Sócrates e Machado de Assis, assim, são adorados pelos motivos errados. Neste momento, me imaginei quebrando as barras de chocolate ao meio e bradando “REVOLUÇÃO”, sendo imediatamente seguido

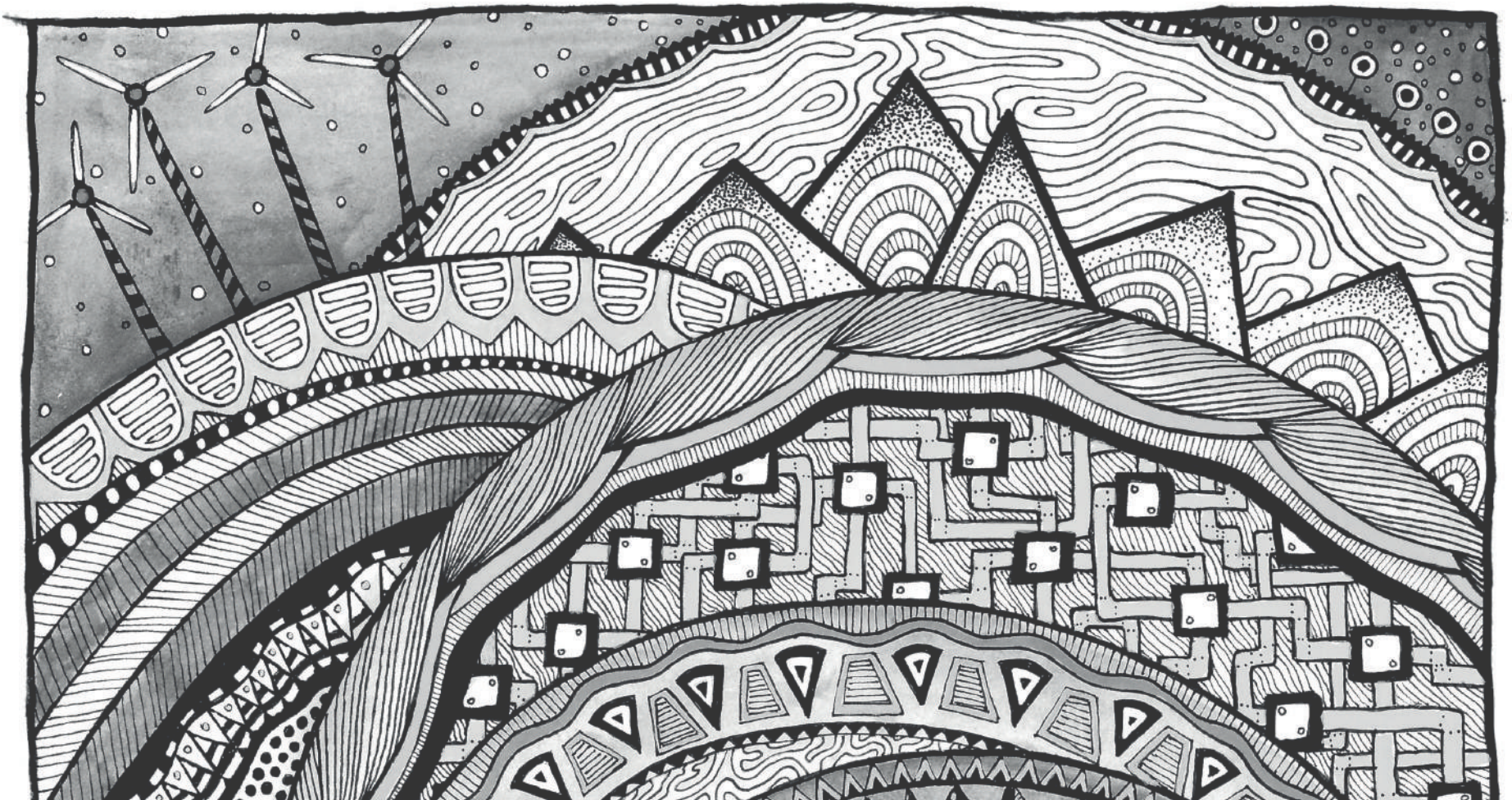
para fora do supermercado por todas as caixas — o correto é “o caixa”, independente do gênero, mas é Dia da Mulher Proletária! — e atendentes cuja fúria revolucionária jazia adormecida até que eu as libertasse.

A fila andou mais um espaço, me envergonhei das minhas fantasias. O problema, porém, persistia. A ironia não me bastava, eu deveria me alçar para fora das nebulosas paredes ideológicas rumo à superação da contradição entre a vida individual e a luta coletiva. No dia seguinte, lembrei-me, iria a um evento de mulheres trabalhadoras da periferia de Curitiba e do qual eu participava da organização. Isso apaziguou meus ânimos.

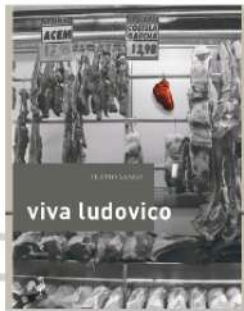
Em meio à cacofonia de códigos de barras escaneados e jingles nos alto-falantes, porém, a lembrança de um livro de Annie Ernaux, do qual eu havia escrito uma crítica, martelava minha mente: eu havia dito que a história autobiográfica consistia em uma lenta caminhada de Ernaux rumo à ideologia pequeno-burguesa sustentada por atos contraditórios em aparência — pois eram, na verdade, complementares —, como contratar uma empregada doméstica e assinar uma petição pelo fim da invasão ianque no Iraque. Não, eu não seria um intelectual francês movido a cigarros e lamentações! Ação! Eu precisava fazer algo!

Minhas divagações cessaram perante uma sobancelhada da funcionária, que perguntou se eu precisava de ajuda. Era minha vez na força. Eu murmurei que não e paguei minhas compras, revoltado com ter deixado a inércia decidir por mim, um ato de profunda covardia, como todos sabem.

Minha namorada adorou os chocolates.







### Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

Renata Mascarenhas



**P**asso a coleira no pescoço do cachorro. Seu furor atrasa a nossa saída.

É início da madrugada. As ruas estão embalsamadas pela luz alaranjada de uma sequência infinita de postes idênticos. O *fog* sobe do asfalto.

As folhas das árvores que dividem a avenida estão paralisadas pela ausência de vento. Não há movimento, não há pessoas. *Apenas eu e o cachorro.*

Minhas pálpebras pesam, involuntárias.

Deixo o cachorro me conduzir, obedeco o seu andar impetuoso. Deixo-me guiar sem resistência.

Ele avança pela avenida desértica do bairro de casas desiguais da cidade do interior para onde retorno. *Foi apenas o tempo que passou.*

Meu corpo tem 44 anos, mas ainda sou a mesma.

Na encruzilhada, o casarão onde brincávamos, eu e meus primos. São ruínas. E as ruínas já não pertencem à família.

O cachorro me arrasta em direção à travessa, abrupto. Disputa com os outros cães, invisíveis, atrás dos muros.

Depois de alguns passos, sinto o cheiro profundo de jasmim, o mesmo que penetrava a janela da sala de estar do lar onde morávamos, eu, minha mãe e meu pai.

Fecho os olhos e inspiro a memória. Tento me envolver na mesma sensação.

*Em vão, não alcanço o sentimento.*

O cachorro força a guia para o lado onde o matagal cresce selvagem. Interrompe os pensamentos.

Decido ir pela calçada de jardineiras podadas, milimétricas. Ele obedece. *Agora, caminhamos os dois juntos. Não sabemos para onde.*

Ouçó sua respiração, ofegante. Já não desafia os demais. Desacelero.

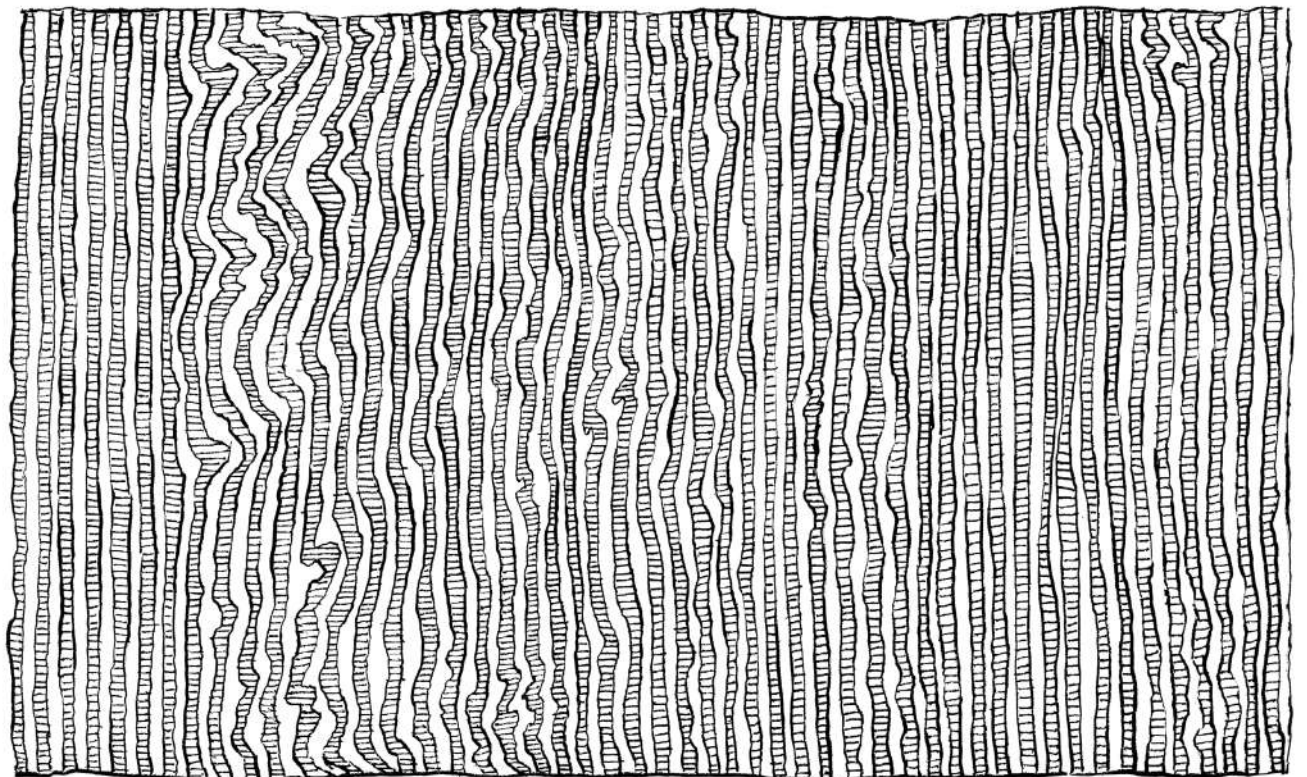
Reconheço o sobrado de tijolos aparentes e gradil ocre. O consultório paterno onde sentia o cheiro inebriante do éter. O vai-e-vem dos pacientes, os móveis que se foram, o vazio.

*Já não sei mais voltar.*

Então, o cachorro desperta. Nos conduz à casa materna, a casa térrea adornada de duas esferas guardiãs que iluminam a porta frontal do mesmo alaranjado insípido das ruas da vizinhança.

Passo a chave no portão, liberto o cachorro da guia. *Ele não olha para trás.*

A mãe espia do canto da janela, oculta na fresta da cortina, o regresso da filha que já não reconhece.





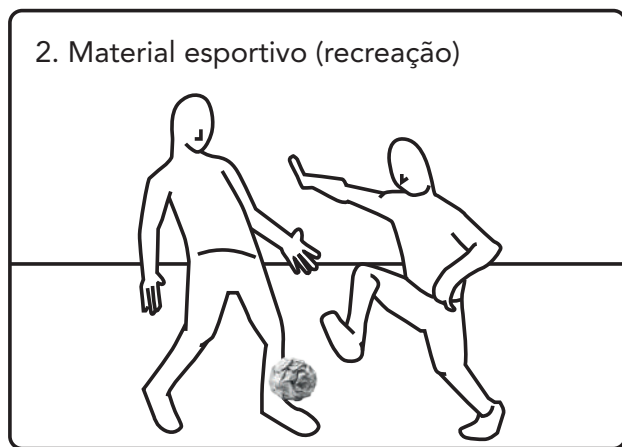
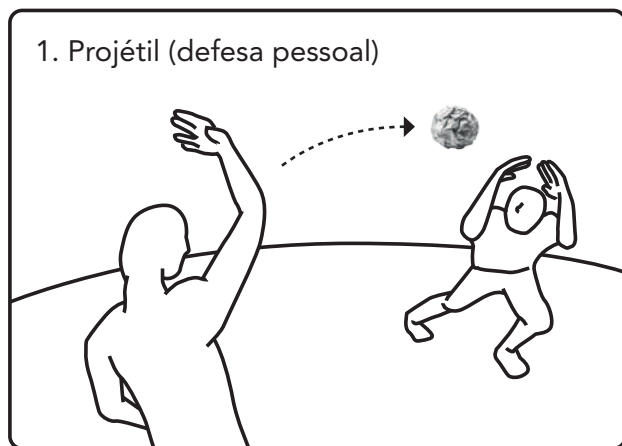
# ORIGAMI

# RELEV

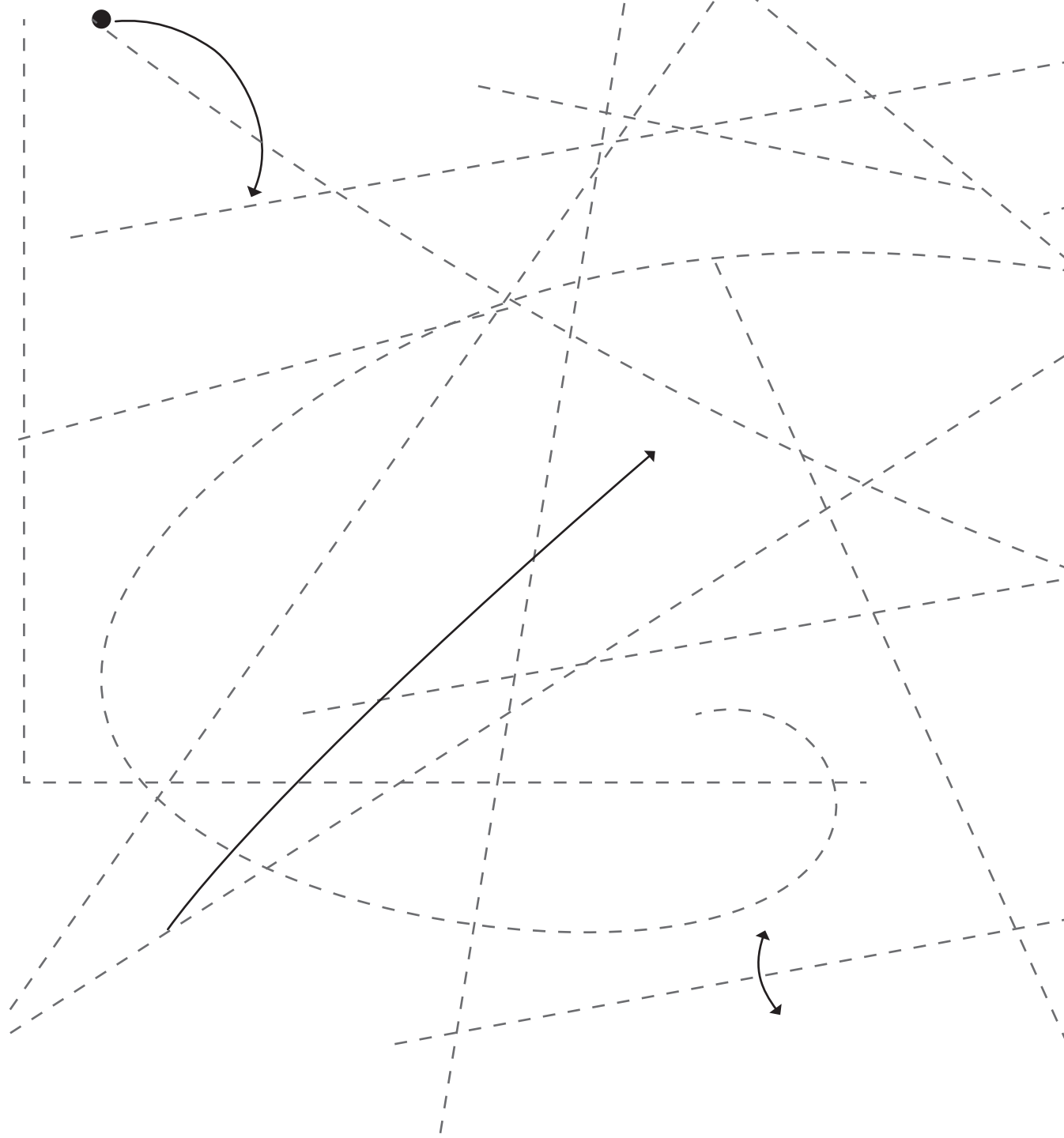


Tu montarás esse belo esferóide com esta folha de papel na qual tocas

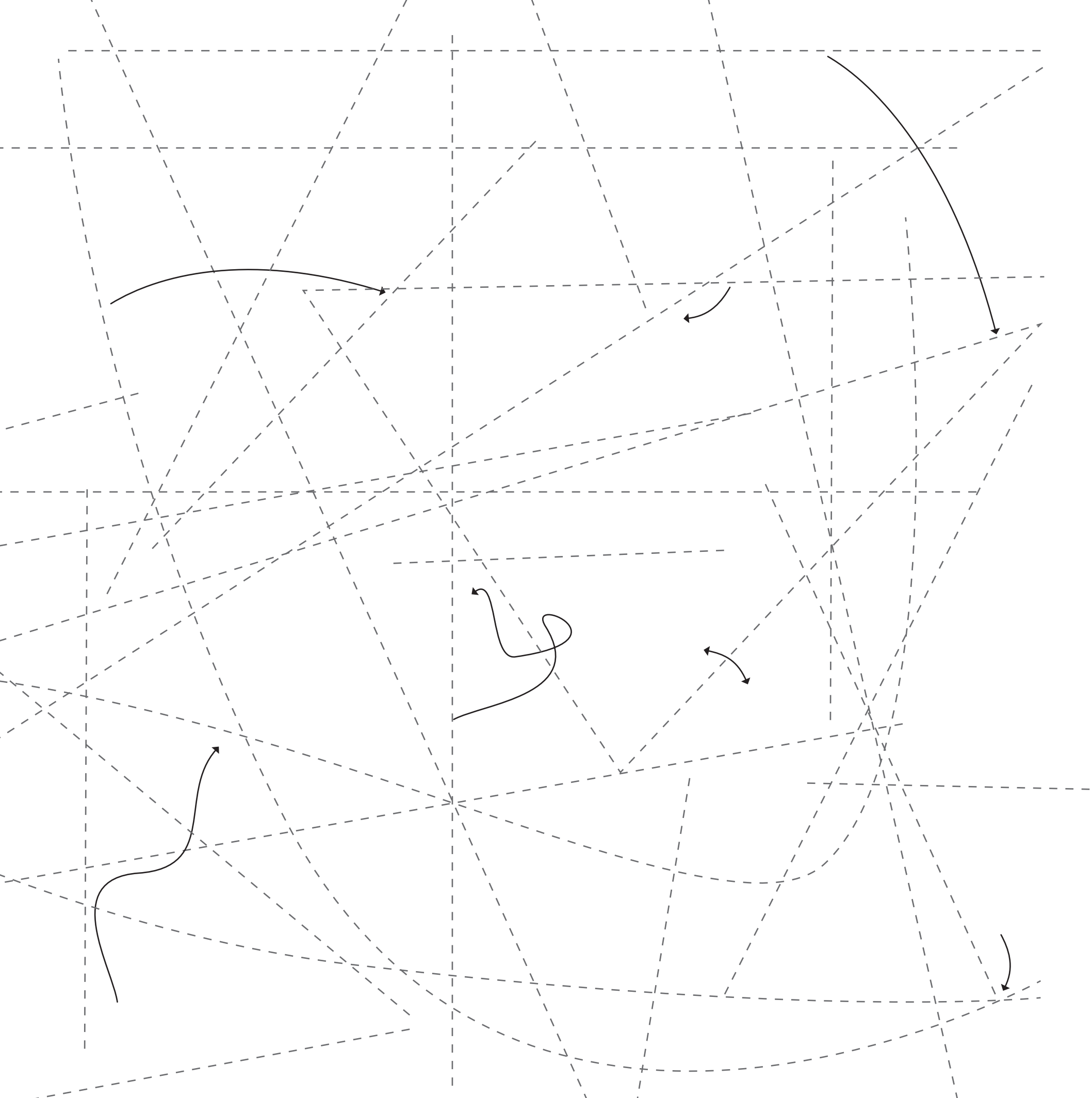
Excelente notícia: nesta edição, o Jornal **RelevO** dedica suas páginas centrais à bela e misteriosa arte japonesa do origami, cuja a qual consiste em dobrar papéis até obter formatos de animais, utensílios domésticos ou a cabeça do seu personagem de Star Wars favorito. Siga as instruções de dobra representadas pelas marcas pontilhadas para criar uma bola esférica de papel. Listamos abaixo algumas hipóteses de uso para esse objeto resultante:



Comece aqui







## NA PRÓXIMA EDIÇÃO:

Está aberto o formulário de contribuições para a seção de Conselhos RelevO! Compartilhe suas mais valiosas lições de vida aqui nesse formulário: [bit.ly/conselhosrelevO](https://bit.ly/conselhosrelevO)







# Louis Vuitton, mestre das malas

Existe uma diferença significativa entre o primeiro baú – de topo arredondado – e o segundo – retangular. Para constatá-la, basta juntar vários destes objetos: uma pilha de unidades do baú retangular se manterá em seu devido lugar, ao passo que uma pilha de unidades do baú arredondado formará um caos semelhante a uma rodada de Tetris encerrada precocemente.

Essa desordem em nosso cenário hipotético prejudica os objetos contidos em cada baú arredondado. Por sua vez, o cenário hipotético já não foi apenas hipotético: muito antes das malas com rodinhas (“Como é possível conceber que se passaram quase 6 mil anos entre a invenção da roda e essa implementação brilhante (por algum fabricante em um monótono subúrbio industrial)?” e dos extravios em Guarulhos, viajar exigia um empenho logístico maior do que um *check-in* no *app* da Latam.

Na metade do século 19, durante ou depois da Revolução Industrial, para se deslocar era necessário subir em uma carruagem, barco ou no recém-desenvolvido (e lento) trem. Nesse contexto, um sujeito muito astuto otimizou a maneira como indivíduos poderiam carregar e guardar suas bagagens. Pelo título do texto, você deve imaginar a quem nos referimos, o que remove qualquer margem de surpresa.

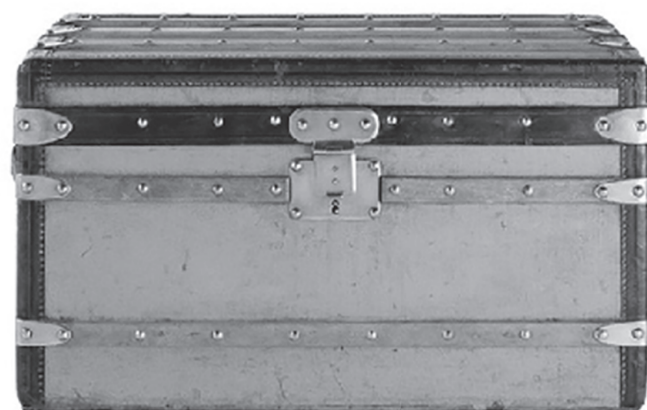
O adolescente **Louis Vuitton** (1821-1892), antes

de ser simulacro de camelódromo, tendo perdido pai e mãe, saiu de Anchay – a pouco menos de 500 km da capital – para morar em Paris, onde se desenvolveu na confecção de bagagens sob a tutela de Monsieur Maréchal.

Com o tempo, Vuitton se tornou empacotador oficial da corte (com *ô*) francesa – pense num cara bom com *malas*, não é mesmo? Hahahahaha... Era ele, portanto, o responsável por organizar os baús de ninguém menos que a imperatriz Eugênia, esposa de Napoleão III. Também era responsável por fabricá-los (os baús, não os monarcas).

Além da experiência, isso lhe rendeu clientes, contatos e, claro, *status*. Quando Vuitton abriu a própria loja, na década de 1850, o transporte ferroviário crescia. No fim dessa mesma década, Louis Vuitton implementou seus inovadores baús retangulares. Ele havia se inspirado na marca inglesa H. J. Cave, creditada como a primeira a confeccionar bagagens de mão.

A engenhosidade de Louis Vuitton lhe valeu a consagração, que perdura até hoje. Por sua vez, o logotipo da LV foi desenvolvido após a morte do criador, já visando a impedir falsificações. Mérito de seu filho, George, que também ajudou a criar o sistema de trancas nas bagagens – até então (estamos falando das últimas décadas do século 19), qualquer um podia furtar os pertences contidos nas malas. Como no aeroporto de Guarulhos!



**E N C L A V E**

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:  
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>





**TRAGO O  
LIVRO AMADO  
DE VOLTA  
EM 3 DIAS**

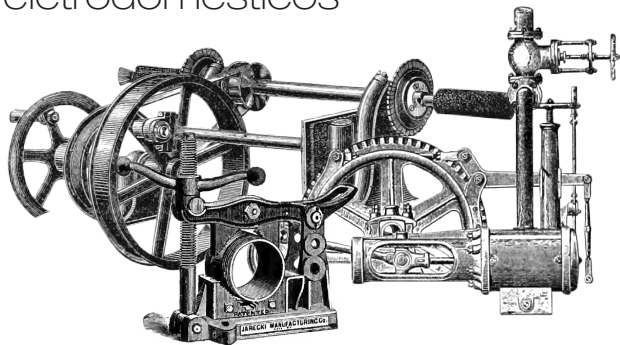
 **(41) 984 967 153**

Encomende seu carimbo ex libris personalizado com a Burocrata e marque sua biblioteca para nunca mais perder livros! Saiba mais falando com a gente pelo zap ou enviando email para [oi@burocratacarimbos.com](mailto:oi@burocratacarimbos.com)





Reparos de máquinas do tempo,  
liquidificadores e outros  
eletrodomésticos



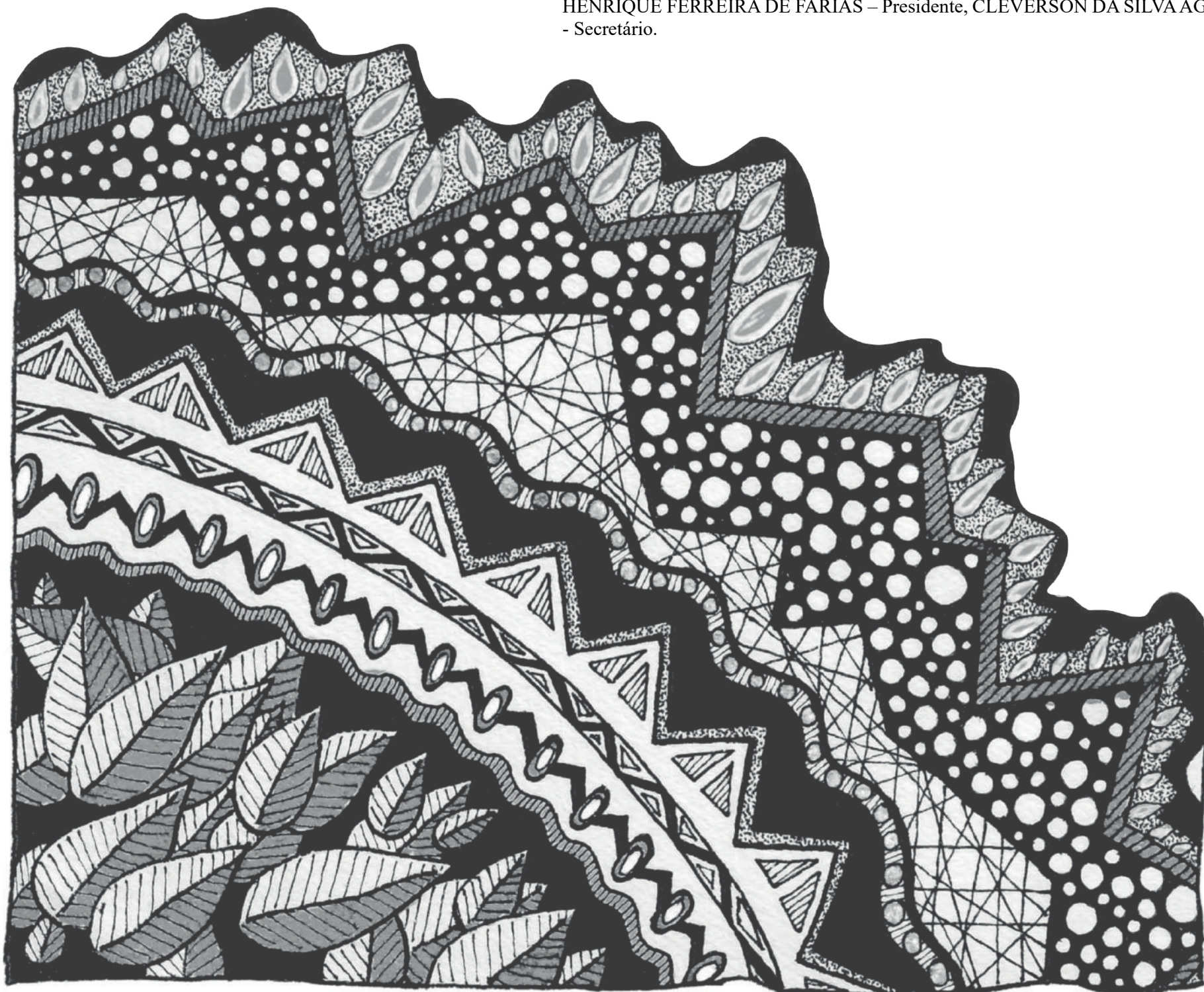
CONTATO@JORNALRELEVO.COM

GYROO S.A.

CNPJ/MF 53.535.398/0001-27 - NIRE 41300330743

#### ATA DA 1ª (PRIMEIRA) ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

**Data, Hora e Local:** 05/02/2025, às 10:00 horas, na sede social localizada na Rua Doutor Motta Junior, 1400, Centro, São José dos Pinhais/PR, CEP: 83005-170, sendo dispensada a convocação, nos termos do Parágrafo 4º, do Artigo 124, da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, face a presença confirmada de todos os acionistas. **Presença:** reuniram-se os acionistas da sociedade, representando a totalidade do capital social da GYROO S.A. A.: FRANKLIN HENRIQUE FERREIRA DE FARIAS, e CLEVERSON DA SILVA AGUIAR. Para presidir a Assembleia foi eleito por unanimidade a Sr. FRANKLIN HENRIQUE FERREIRA DE FARIAS que aceitando a incumbência convidou a mim, CLEVERSON DA SILVA AGUIAR, para secretariá-lo, no que aceitei, assim se constituindo a mesa e dando-se início aos trabalhos. **Deliberações: I** – Aprovação da primeira emissão de debêntures privada, sendo 5.000 (cinco mil) debêntures simples, no montante de R\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de reais), ao valor unitário de R\$ 1.000,00 (mil reais) cada uma, sendo aprovada pelos acionistas por unanimidade a referida emissão, conforme Escritura da 1ª Emissão Privada de **Debêntures Simples**, arquivada na Junta Comercial do Paraná, anexo à Ata da AGE. Esta ata é Extrato da Ata da 1ª AGE, servindo para fins legais da publicidade dos atos societários deliberados. São José dos Pinhais /PR, 05 de fevereiro de 2025. FRANKLIN HENRIQUE FERREIRA DE FARIAS – Presidente, CLEVERSON DA SILVA AGUIAR - Secretário.







# Humanidade e Poesia

“Ouve-me então com teu corpo inteiro.”

Clarice Lispector

Na comunicação *What reading Slowly taught me about writing*, a escritora afro-americana Jacqueline Woodson reflete sobre o seu próprio processo de aprendizagem da leitura enquanto criança e a forma como a sua forma lenta de ler contrariava as expectativas do ensino primário e os padrões quantificados de leitura: “Eu era aquela criança com o dedo correndo por baixo das palavras, até que fui deseducada a fazer isso; disseram para crianças grandes não usarem os dedos. Na terceira série, éramos obrigadas a sentar com as mãos cruzadas na mesa, abrindo-as apenas para virar as páginas e depois devolvê-las a essa posição”. (Woodson, 2020) A uma leitura automática, inativa fisicamente — com as mãos pousadas na secretária —, Jacqueline Woodson contrapõe a experiência de uma leitura mais ativa realizada em casa: “sempre fomos pressionados a ler mais rápido. Mas no silêncio do meu apartamento, fora do olhar do meu professor, deixei meu dedo correr por baixo daquelas palavras” (Woodson, 2020) e como esta leitura lenta possibilitava ler outras camadas do texto, que uma leitura rápida, superficial e automática não alcançava, permitindo uma maior profundidade das diferentes camadas de uma narrativa, e uma maior atenção às diferentes vozes e histórias que as compõem; neste sentido, Jacqueline Woodson fala-nos do efeito de *Fictive Dream*, um estado de completa imersão no livro, nas histórias e nas narrativas que vai para além da leitura e que se expande ao longo dos diferentes momentos do dia: algo só possível por meio de uma leitura lenta e de uma releitura dos textos, algo muito próximo do coração do ouriço, imagem que Derrida nos dá para a poesia no seu pequeno ensaio: “O que é a poesia?”, falando-nos na sua capacidade de concisão e de concreção — aquilo que se quer saber de cor — que se quer ter no coração — efeito de memória física que Jacqueline Woodson alia à importância de uma releitura — e que nesse

sentido inicial da palavra ler: “Legere: Escolher, selecionar”, é também um voltar a passar (o poema) pelo coração, escolher, direcionar. Nesse sentido, ler com o dedo debaixo de cada uma das palavras — ler (de)vagar (como o próprio poema de Herberto Helder indica), permite uma intensificação e um sonho imersivo, mas também um aumento pela atenção das histórias que nos compõem, e nisso de um olhar mais plural, que cada releitura pode intensificar, nesse sentido, possibilitando um olhar de empatia para histórias que a uma primeira leitura se mostravam simples, mas que se complexificam com as diferentes releituras, mostrando diferentes ângulos e permitindo um olhar mais empático, mostrando como também nada é puramente uma só coisa: “E aquele Gigante Egoísta me contou novamente sua história, como ele se sentiu traído pelas crianças que entravam furtivamente em seu jardim, como ele construiu um muro alto, e ele manteve as crianças afastadas, mas um inverno cinzento caiu sobre seu jardim e simplesmente ficou” (Woodson, 2020)

A esta pressão social para ler, pensar e julgar rápido, Jacqueline Woodson impõe uma desaceleração, uma pausa e um silêncio necessário, um tempo de absorção que é nisso também criativo, que parte de uma atenção às histórias que nos compõe enquanto humanos e às diferentes camadas que nos compõe — tão dialogante com o pensamento de Mia Couto: “Somos humanos exatamente porque não somos apenas uma entidade biológica. Somos feitos de histórias tanto como somos compostos de células. As histórias são também um lugar onde nos inventamos eternos e encantados”, ou como o autor moçambicano adianta em *Cada homem é uma raça*: “História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis

homens”: ou, de uma outra forma ainda, para que a história não seja mal contada há uma pluralidade a ser cumprida: como afirma Paulo Freire no livro-conversa com Myles Horton: “É preciso que a leitura seja um ato de amor” (Freire, 1983), adiantando que “Mais do que uma decodificação da palavra escrita — há uma leitura do mundo que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele” (Freire, 1982). Contra o automatismo de uma leitura rápida e parcial, há uma leitura do texto que é também uma leitura do mundo, do humano, das histórias, pela qual a atenção é também um ato revolucionário face aos excessos de informação, a superficialidade e o resíduo de de uma hiperconexão com plataformas que aparentemente nos tornam todos próximos, além da norma, do cânone e do estereótipo — do previsível e do superficial: é preciso que a leitura esteja atenta ao mundo, conforme Paulo Freire em *A importância do ato de ler*:

“Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros — o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores — das rosas, dos jasmims —, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos:





o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolegar (Freire, 1982).

A uma leitura atenta e ativa da palavra deve corresponder uma leitura ativa e viva do mundo, que ultrapassa o papel e se torna ativa, não mais associada às mãos quietas em cima da secretária — uma leitura física, (com o corpo): “Meu dedo sob as palavras me levou a uma vida de escrever livros para pessoas de todas as idades, livros feitos para serem lidos lentamente, para serem saboreados”. (Woodson, 2020).

“Meu amor por olhar profundamente e de perto o mundo, por colocar todo o meu ser nele, e ao fazer isso, ver as muitas, muitas possibilidades de uma narrativa, acabou sendo um presente, porque dedicar meu doce tempo me ensinou tudo o que eu precisava saber sobre escrever. E escrever me ensinou tudo o que eu precisava saber sobre criar mundos onde as pessoas pudessem ser vistas e ouvidas, onde suas experiências pudessem ser legitimadas, e onde minha história, lida ou ouvida por outra pessoa, inspirasse algo nelas que se tornasse uma conexão entre nós, uma conversa (Woodson, 2020).

Uma vez mais: para que a história não seja mal contada, para que ela não seja parcial, para evitar o preconceito: é preciso que a leitura seja um ato de amor — ou outra vez em contato com a escritora afro-americana, para que ela crie mundos. Uma leitura de um outro lado (uma leitura plural), como uma escolha de in-

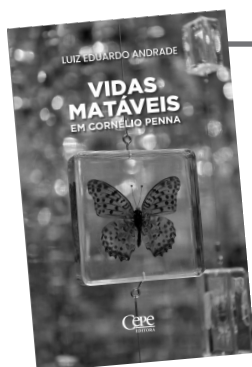
clusão de perspectivas e ângulos de visão e nisso, tal como a escrita, um aumentar também do nosso mundo e um processo de conhecimento em que a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente. Sobre a importância da releitura, Paulo Freire vai tecer várias reflexões ao longo da sua obra e do seu pensamento sobre a educação, conectando a releitura com um processo de intensificação e de maior proximidade com o texto. De uma forma próxima, Walter Benjamin reflete sobre os processos de transcrever os textos como uma outra forma física de leitura, ativa, através da escrita, num sentido de proximidade, de “close reading”. O pequeno texto “Porcelanas da China”, de *Rua de mão única*, nos fala da arte chinesa de copiar (transcrever) livros, considerando-a como uma incomparável garantia de cultura literária. Neste texto Benjamin contrasta dois tempos, duas velocidades, a da leitura e a da transcrição através da seguinte metáfora:

“A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. Assim é também a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se o transcreve. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis que o terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo de seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair, a seu comando, a cada uma das suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas, assim como o chamado do comandante faz sair soldados de uma fila (Benjamin, 1987).

A força do texto depende da intensidade com que é percorrido, como uma paisagem, um caminho, e nisto cada leitor é alguém que se desloca no espaço, a sua vivência da paisagem

ou do texto será diferente de pessoa para pessoa, ou em contato com um poema de Luis Miguel Nava, “São outras as paisagens quando alguém / as vê pelas janelas do seu próprio coração” (Nava, 2002), ou de Fernando Pessoa, “É dentro de nós que a paisagem é paisagem” (Pessoa, 1982), a força será outra também de acordo com o tempo que a levamos a percorrer, e nisso há um tempo individual, inerente a cada um de nós, mas também um tempo que percorre velozmente, que vê de cima, que não toca, (o do aeroplano) e dos que experimentam o seu domínio, os que caminham sobre ela; as perspectivas são radicalmente diferentes, caminhar sobre a terra exige lentidão, contato com ela, visão do solo, dos caminhos, de uma paisagem com a qual o caminhante se nivela, se confunde; a velocidade de uma aeroplano nunca poderá captar as nuances do caminho, as clareiras, os carreiros, os contornos, as elevações, os pormenores. O tempo de voo é descrito assim como o tempo de uma leitura rápida que não aprofunda, enquanto que o tempo da terra se aproxima da do caminhante que a pisa, que com ela cria uma relação, um percurso, mais próximo.

Nos seus *Cadernos H*, o poeta brasileiro Mário Quintana contém um pequeno texto intitulado “Educação” composto por um único verso: “O mais difícil mesmo é a arte de desler” (Quintana, 1973). Ao adicionar o prefixo “des” ao infinitivo do verbo “ler”, Quintana sugere ativamente uma multiplicidade de sentidos aliados à desconstrução de uma leitura programada, automática e ao questionamento de um conhecimento feito e solidificado. Entre as muitas camadas sugestivas do neologismo, ele nunca deixará de transmitir a ideia de uma leitura ativa, perspicaz e criativa: uma leitura atenta e regenerativa, uma leitura dos diferentes lados que nos compõe e das histórias que — outra vez Mia Couto — são também parte do nosso corpo biológico, como as células ou o sangue. Exercício difícil, mas necessário e vital, que podemos conectar, a um estar atento (não só ao texto e à palavra), mas ao mundo, próximo do colocar o dedo — visível ou invisível — debaixo das palavras. O respeito à narrativa e à pluralidade das histórias individuais e coletivas, e da leitura como um ato de empatia: é de notar como a natureza do poema e do neologismo de Quintana se aproxima muito mais a uma ideia de instrução do que de educação, no sentido que o pensador Agostinho da Silva lhe conferia, desde logo na sua raiz etimológica:



Este livro, fruto de um trabalho de fôlego em termos teóricos, pensa, a partir dos conceitos de biopolítica, de “homo sacer” (“homem sacro”; ser matável) e de “estado de exceção”, os romances do escritor Cornélio Penna: “Fron-teira” (1935), “Dois romances de Nico Horta” (1939), “Repouso” (1948) e “A menina morta” (1954). Nessa releitura, Luiz Eduardo Andrade propõe novos caminhos para a leitura do autor modernista, renovando o olhar crítico sobre sua obra. Com prefácio de Sabrina Sedlmayer.

[livraria.cepe.com.br/vidas-mataveis-em-cornelio-penna](http://livraria.cepe.com.br/vidas-mataveis-em-cornelio-penna)



“Instruir é um parente do verbo construir e aluno tem como significado remoto “o alimentado”. Educar tem um elemento de condução e outro de redução, porque a educação reduz o indivíduo daquilo que ele é, para o adequar aos costumes da sociedade.

A vitalidade expressiva da palavra “desler” aproxima-se muito mais a uma ideia de instrução e de uma procura mais livre e ativa de conhecimento que dialoga não somente com uma desconstrução do saber já feito, mas também com um questionamento constante e uma leitura ativa que implica também que a ordem linear de uma história pode ser desestabilizada.

Com esta mesma ideia dialoga o poema dos mesmos cadernos: “A Arte de Ler”: “O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até à presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria” (Quintana, 1973). S

Da leitura como uma escolha e um processo ativo, o leitor pode escolher não chegar ao fim e quebrar o compromisso com um desenlace e com um discurso que tende para uma resolução. Nesse sentido, Quintana contrapõe também as ideias de prosa e poesia, “Tudo já está nas enciclopédias e todas dizem as mesmas coisas. Nenhuma delas nos pode dar uma visão inédita do mundo. Por isso é que leio os poetas. Só com os poetas se pode aprender algo novo” (Quintana, 1973). Aquilo que Manoel de Barros resumiria no aforismo: “Tudo o que não invento é falso” ou já muito antes Novalis: “Quanto mais poético mais verdadeiro”. A leitura da poesia como um conhecimento mais profundo, lento e denso, por meio do qual “o grau da lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória; o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento” (Kundera, 1996). Se a velocidade se alia a uma experiência de superficialidade, a um

viver sem tocar, a lentidão estabelece conexões profundas, agarra verdadeiramente: permite ouvir o silêncio do outro, a história do outro, sentir uma repercussão, estabelecer um diálogo: “a conversa não é um passatempo; ao contrário, a conversa é o que organiza o tempo, o governa e impõe suas próprias leis, que devem ser respeitadas” (Kundera, 1996). A lentidão é agora uma força imposta por um olhar poético, por uma condição de interioridade, por um gesto de cristalização, de intrançamento ou de incorporação; nesse sentido, um poema que se sabe de cor é também parte dos tecidos do coração, e nisso um poema pulsa porque está no sangue e é também parte do nosso corpo como a história dos nossos antepassados, ou as nossas raízes, talvez só a partir desta ideia se possa — sem nunca perceber completamente —, mas incorporando poemas tão diversos como “A Flor e a Náusea” de Carlos Drummond de Andrade, “Boi Morto” de Manuel Bandeira ou “O Cão Sem Plumas” de João Cabral de Melo Neto. Só sendo já parte do nosso corpo se pode ler os poemas: “Ama como a Estrada começa”, ou “Sê plural como o universo”, imperativos de um só verso de uma profundidade física, ou o poema-carta de Emily Dickinson a Susan Dickinson: “Para os fiéis: a ausência é uma presença condensada / Para os outros — / Mas não há outros”. Talvez ler nos auxilie a incorporar um pouco mais isto — e talvez isso seja já uma aproximação à frase de Paulo Freire. Ler pode ajudar-nos um pouco a perceber que a história é mais complexa, que a história é plural porque a vida é plural. E, nesse sentido, ler é, acima de tudo, prestar atenção: mostrar um mundo mais interessante e mais complexo, um mundo mais poroso — com mais vozes e com mais sentidos — porque os sentidos são em todas as direções, e porque a verdade gosta de todas as curvas, ler aproxima-nos — e é um ato de libertação —, um aumentar intenso e verdadeiro do nosso mundo.

## REFERÊNCIAS

- Benjamin, W. (1987). *Rua de mão única*. Editora Brasiliense.
- Bertman, Stephen. (1998). *Hyperculture: the human cost of speed*. Westport.
- Couto, M. (2019). *O Universo num grão de areia*. Caminho.
- Freire, P. (1982). *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. Editora Autores Associados / Cortez Editora.
- Freire, P., & Horton, M. (2003). *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Editora Vozes.
- Lispector, C. (1975). *A cidade sitiada*. José Olympio Editora.
- Nava, L. M. (2002). *Poesia Completa*. Dom Quixote.
- Pessoa, F. (1982). *Livro do Desassossego: Bernardo Soares*. Ática.
- Quintana, M. (1973). *Caderno H*. Editora Globo.
- Woodson, J. *What Reading slowly taught me about writing*: youtube.com/watch?v=HzAtOyw6ACw&t=6s. Acesso em 3 de março de 2024.



O nome dela é Toninha. Está aqui em casa, em segurança.

Só queria que você visse ela.







Marcial

Tradução de Demian Gonçalves Silva

## Do livro 13, poema 1

Marcus Valerius Martialis (40-104) foi um poeta nascido no atual País Basco que levou à perfeição o epigrama — forma breve, mordaz e moralizante de poesia — registrando com humor ferino e crítica social a vida luxuriante e decadente de Roma. “O Boca de Roma” foi influenciado por Ovídio, Calímaco e Catulo, ganhou notoriedade com obras como *Liber de Spectaculis*, encomendado por Nero para celebrar o Coliseu.

Ne toga cordylis et paenula desit olivis  
 Aut inopem metuat sordida blatta famem,  
 Perdite Niliacas, Musae, mea damna, papyros:  
 Postulat, ecce, novos ebria bruma sales.  
 Non mea magnanimo depugnat tessera telo,  
 Senio nec nostrum cum cane quassat ebur:  
 Haec mihi charta nuces, haec est mihi charta fritillus:  
 Alea nec damnum nec facit ista lucrum.

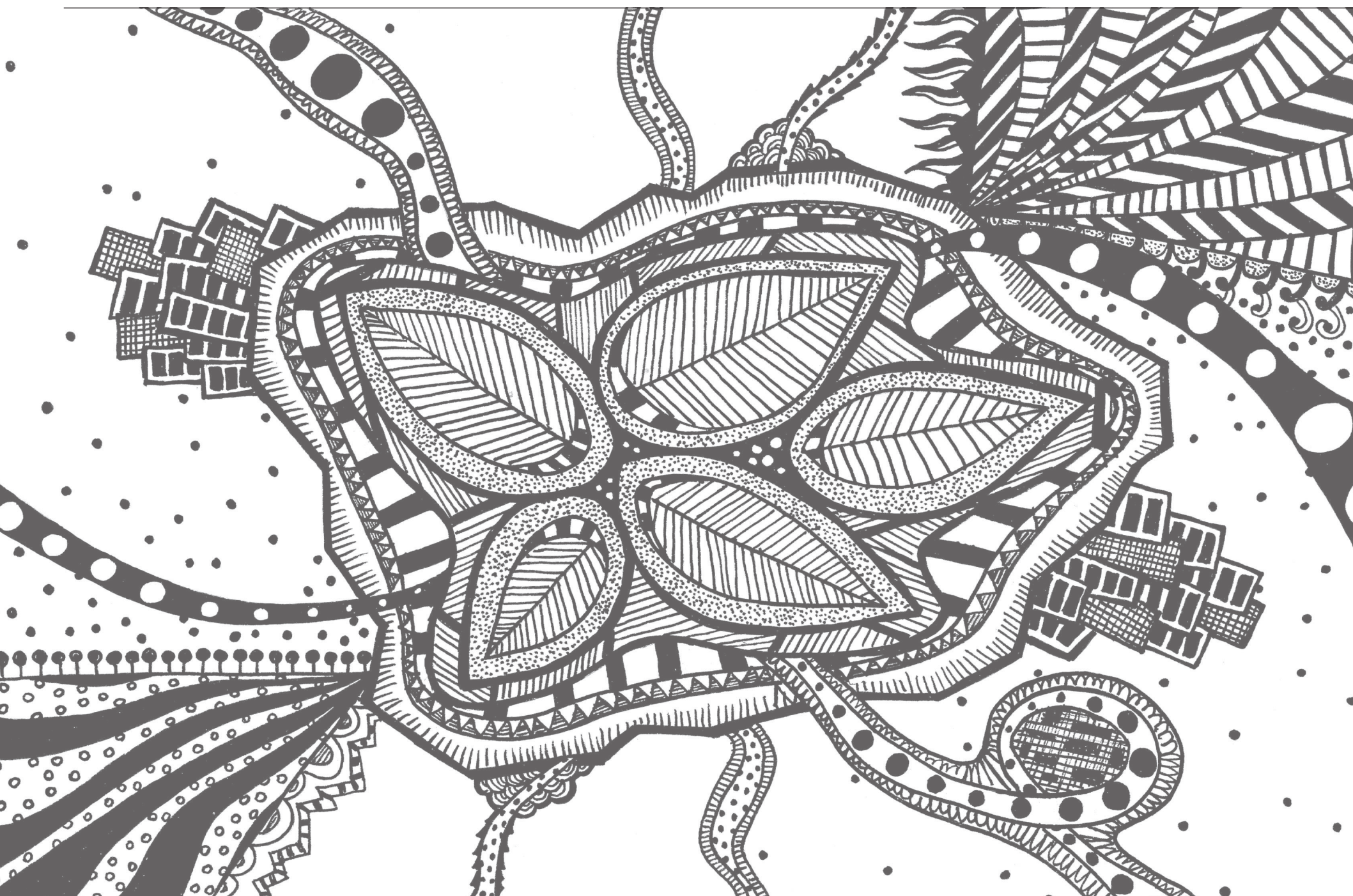
TRADUÇÃO

Pro atum não ficar sem toga  
 Nem a azeitona sem manto;  
 Pra que a barata nojenta  
 Com fome não sofra tanto,

Vamos, Musa, gastar papiro,  
 Sou eu que vou à falência:  
 O inverno frio e pinguço  
 Pede novas impudências.

Em magnânima roleta  
 Não disputo com meu dado,  
 Nem peço seis pro marreco  
 Ou meu marfim é jogado.

Meus papéis são minhas cartas,  
 O dado são meus papéis:  
 Com eles não tiro a sorte  
 Mas também não tem revés.







Jairo Carioca

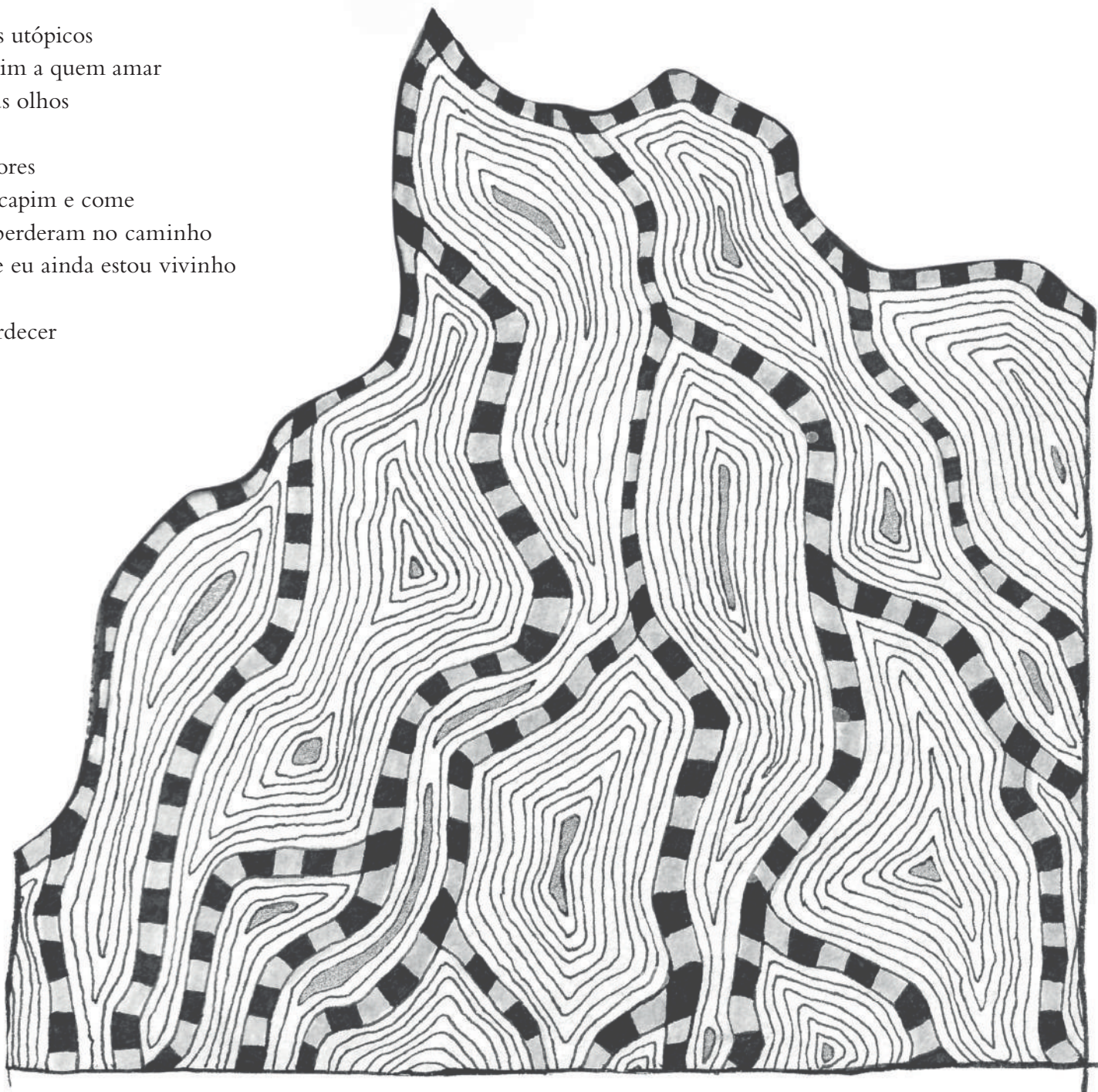
# UM SENTIR É DO SENTENTE MAS O OUTRO É O DO SENTIDOR

um casal de gaviões se aninharam na alta torre  
um menino com uma pipa no céu perturba o sonho dos pássaros  
com o sonho de ver sua pipa rompendo a infinidão  
será que no sonho dos pássaros também existe chão

sentado em minha cadeira de balanço vejo esses sonhos irromperem  
furiosos como o grito do gavião que fazem pássaros fugirem  
furiosos como as pipas dos meninos que fazem os gaviões se esconderem  
finalmente chego à compreensão de que viver é um descuido prosseguido

há muito deixei de desejar os lugares utópicos  
embora todos tenhamos uma diadorim a quem amar  
a cada dia ponho mais chão em meus olhos  
lugar de aceitação dos inadequados  
canssei de estar no pódio dos vencedores  
o bom da vida é para cavalo que vê capim e come  
também sou feito de sonhos que se perderam no caminho  
mas a morte é para os que morrem e eu ainda estou vivo

a saudade vem surgindo com o entardecer  
talvez seja ela ou quem sabe seja eu  
a cabeça de frade floresceu



**BONS  
VENTOS  
trazem  
BOAS  
LEITURAS**



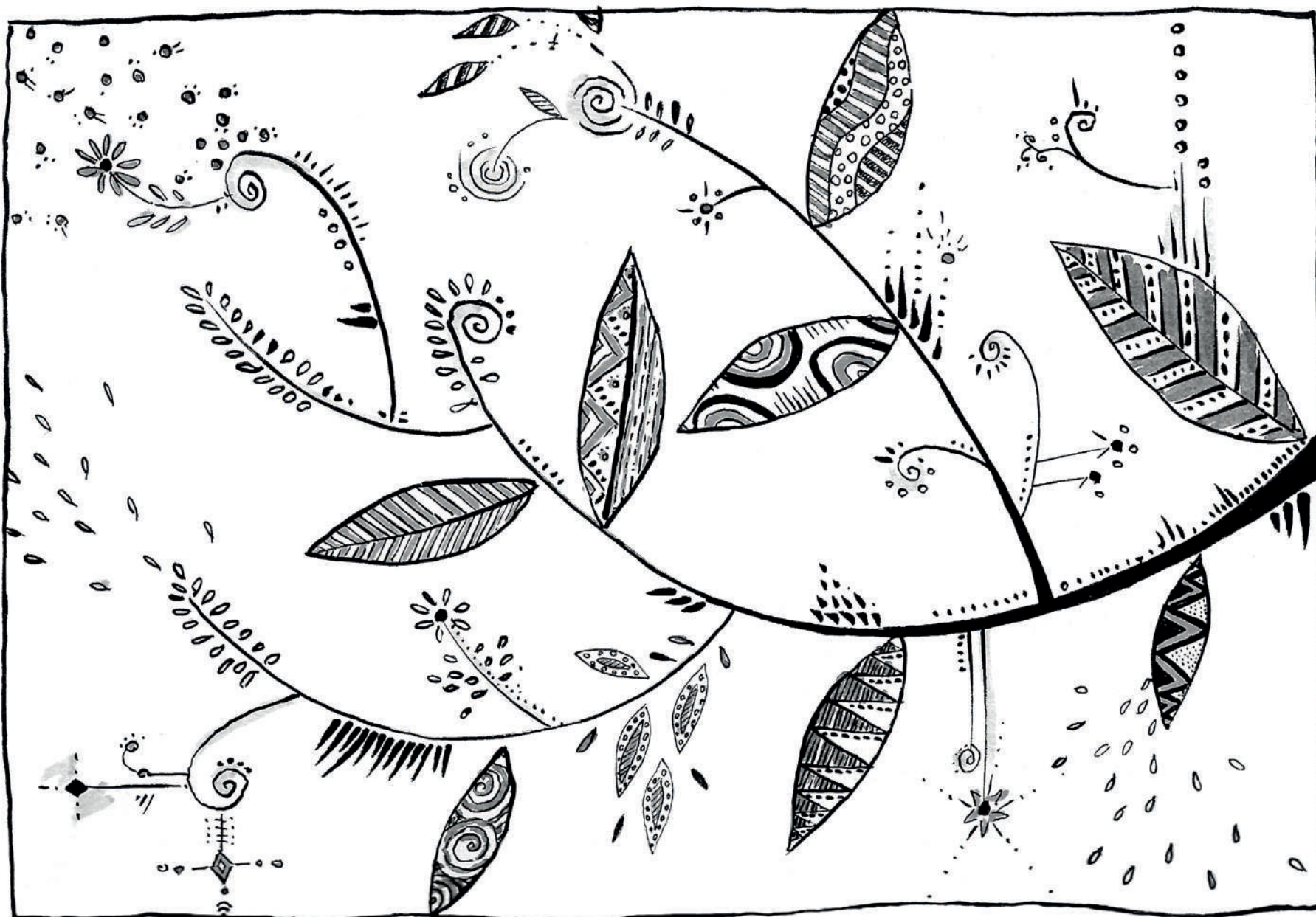
EDITORAMINHOS  
COM.BR

© EDITORAMINHOS





Andreza Pereira



## MA(R)TRILINEAR

Sua cabeça se apoiava no colo da mãe do seu pai, seus pés, no colo da mãe da sua mãe. Seguiam viagem no barco. Sua avó-dos-pés tirou dela os chinelos, sua avó-da-cabeça mexia em seus cabelos. Um dia seria dela aquele cheiro de alfazema das duas e o jeito de dizer palavras mais cravado que tabuada de cinco.

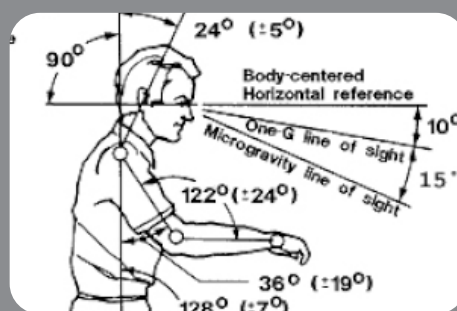
A avó-dos-pés tinha trabalhado desde muito cedo antes de poder balançar-se com o mar. Criança, tinha passado roupa com ferro de brasa, enterrado semente com os pés e torcido pescoço de galinha quando

gente chegasse. Queria casar e sair dali. Queria casar e ter o que é seu. Casou e era tudo branco e bordado, a avó disse. E repetiu, era tudo branco e bordado.

A avó-da-cabeça, antes de conhecer água sem fim, morou em lugar em que louça em banheiro não se conhecia e panela era areada até reluzir. Dispostas nas prateleiras da sala rebocada, eram prenda de mulher que se prezasse. Ladeada às panelas, a imagem dela pintada em casal no ano das bodas. Onde morava, as mulheres eram conhecidas pelos nomes de seus maridos. Depois do nome dela, vinha curta preposição e o nome do pai do seu pai.

A menina deitada na mulher chamada pelo nome do marido e na mulher cercada de mundo embranquecido não queria se casar. Barco ancorado, ergueu-se e seguiu, pés e cabeça, para fundar cidade. No mar, as mulheres a olharam caminhar enquanto o barqueiro dava meia-volta.

### Ajeita essa postura



Depois fica com dor na lombar e não sabe o motivo

Uma campanha do Jornal Relevo a favor da coluna vertebral





A mão do tal gringo era ainda mais rápida que a do vaqueano. E deu jeito de deixar pelo menos uma alma viva.



Era a da filha, ainda só guria. Mas acha então que viver ela ainda queria?



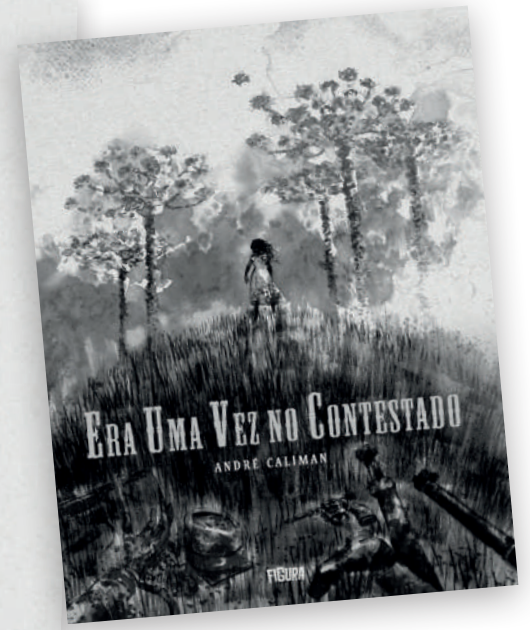
Veio um grito! Agudo, ferino. O fogo no vento gemia. Nem a floresta acreditava no que via.



Acesse para assistir a uma **LEITURA GUIADA** do primeiro capítulo deste espetacular romance gráfico.



PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DA PROCURADORIA DE ATRIBUIÇÃO E INCENTIVO À CULTURA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA



Trecho de entrevista do jornalista Ben-Hur Demeneck com André Caliman:

**Como foi sua pesquisa de campo na região do Contestado?**

Como comecei há 10 anos, foi um longo processo e muitas viagens. De tempos em tempos, o material era reunido. Mas para produzir as páginas do álbum mesmo, levei um ano só. Comecei no início do ano passado e terminei ali no começo deste ano. Foi um ano desenhando. Antes de começar a desenhar para valer, fiz uma viagem para valer também de pesquisa. (...) Encontrei historiadores que me levaram para locais bem pontuais. Por exemplo, para visitar os pocinhos do monge. Visitar o Crematório de Perdizinhas, onde eles cremavam os mortos ainda durante a guerra, onde acharam ossadas e tudo. (...) Fui a locais específicos mesmo. E, principalmente, esbocei as páginas. Principalmente a da Batalha do Irani; fiz os esboços das páginas no campo de batalha lá, queria ver ali, ah, de onde eles vieram. "Ah, eles vieram correndo daqui". "Ah, então, os soldados deviam estar ali" [encena]. Ah, para melhor ambientação de toda a história, o livro traz agora também uma leitura guiada do primeiro capítulo, em formato vídeo, com efeitos visuais e sonoros. Esta iniciativa tem o intuito de aproximar o leitor da leitura do livro, que pode ser encontrado tanto nas livrarias quanto em bibliotecas públicas de Curitiba.





**Robert Burns**

Tradução de  
Luiza Lobo

Uma saudação do poeta a sua filha ilegítima

II

Que importa se de fornicador me chamarem,  
E no campo os mexeriqueiros casquinarem?  
Quanto mais falarem, mais famoso serei,  
    Pois que falem de meu nome!  
Pouco podem intrigas de velhotas  
    Alguém aborrecer.